



UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A FORMAÇÃO DO LEITOR CEGO E O ACESSO A BIBLIOTECAS

MARIA ROSELENE SOARES MARQUES

Rio de Janeiro

2023

MARIA ROSELENE SOARES MARQUES

DRE: 118060609

A FORMAÇÃO DO LEITOR CEGO E O ACESSO A BIBLIOTECAS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras do curso de Português/ Literaturas em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dra. Danielle dos Santos Corpas

Coorientadora: Prof.^a Dra. Flavia Ferreira dos Santos

RIO DE JANEIRO

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre foi fonte de luz e sabedoria para que eu pudesse lidar com as adversidades inerentes ao ato de viver.

Expresso meus sinceros agradecimentos à minha orientadora, Danielle dos Santos Corpas, pela sua dedicação, orientação e apoio constante ao longo desse processo. Seus ensinamentos foram de suma importância, não só para a elaboração desta monografia, mas também para meu desenvolvimento enquanto estudante e pesquisadora. Muito obrigada por ser esse exemplo de profissional!

Agradeço também a minha coorientadora, Flavia Ferreira dos Santos, que além de ter contribuído e auxiliado na realização desta monografia, ainda foi fundadora do projeto PROLINC, que adapta materiais para pessoas com deficiência, o qual atuou como divisor de águas no processo de inclusão que vivenciei na universidade. Muito obrigada, Flavia!

Agradeço também aos demais professores que contribuíram para minha formação acadêmica, ministrando aulas de qualidade, sendo exemplos de profissionais rigorosos e competentes. Agradeço também a todos os funcionários e funcionárias da Faculdade de Letras, em especial, aos funcionários do audiovisual, que sempre estão preparados e dispostos a tornarem a faculdade mais acessível e inclusiva.

Ao funcionário Robsom, por sempre me receber no audiovisual com muita alegria e gentileza. Ao funcionário Márcio, por ser dono do bom dia mais marcante da universidade.

Aos porteiros, seguranças, profissionais da limpeza, cozinheiros, copeiros, motoristas e todos aqueles que desempenham funções essenciais para nosso bem-estar na universidade. Agradeço à diretora Sônia, por sempre fazer o possível para que a Faculdade de Letras seja um espaço inclusivo e acolhedor, no qual todos possam desfrutar das mesmas possibilidades de acesso ao saber.

Agradeço aos funcionários da biblioteca José de Alencar, em especial a Cila Borges, por ter apoiado e contribuído para a realização desta monografia.

A todos os meus amigos!

À Luana Clara, por ser uma amiga incrível, por sempre estar disposta a ouvir meus dramas e por ser essa poetisa maravilhosa, a qual o mundo precisa conhecer!

Ao José Vieira, por ser o melhor parceiro de trabalho e o melhor amigo para conversar sobre futuros acadêmicos comendo um bom lanche. Obrigada, Zé, por nossos trabalhos literários! Nunca esquecerei aquele sobre *Madame Bovary* e aquele sobre Soror Juana Inés de La Cruz. Que nossa parceria literária possa continuar por muitos anos!

À Simone Oliveira, por ser a amiga mais sagitariana e por estar ao meu lado nos melhores e piores momentos ao longo da graduação.

À Victoria Danka, por ser um presentinho da Letras! Muito obrigada pelas conversas, pelo apoio nas adaptações de materiais, pelas risadas... Por tudo que vivemos!

À Luanny Lima, por ser a amiga mais inclusiva e sempre lembrar de fazer uma boa audiodescrição!

À Manoela Vila Verde, que sempre demonstrou cuidado e preocupação com a minha inclusão nas aulas. Muito obrigada, Manu!

Ao Pedro Henrique, Diego Donadones, Eduardo Mendonça, Leandro Abbade e Juliana Caroline, agradeço por estarem sempre presentes na minha vida, apoiando-me e incentivando-me a cada conquista.

Não posso deixar de mencionar meu namorado, Renzo, que esteve comigo nos momentos mais difíceis dessa trajetória, dando-me as forças necessárias para seguir em frente. Obrigada por todo amor, carinho e compreensão! Estendo meu agradecimento também a minha sogra, Rosário, por possuir uma positividade única e sempre transmitir as melhores energias!

Gostaria de realizar um agradecimento especial a minha família, principalmente, ao meu pai, Sebastião Marques de Lima, que nos deixou no ano passado, mas que foi uma das pessoas que mais lutou para que eu conseguisse construir minha trajetória acadêmica. Muito obrigada, pai! Tudo conquistado é seu.

Agradeço a minha mãe, Lucelene Soares, por, junto com meu pai, ter feito o possível e o impossível para criar com dignidade e sabedoria meu irmão e eu. Tudo conquistado também é seu, mãe!

Agradeço também ao meu irmão, Ronaldo, por ser meu maior exemplo de perseverança e superação. Se cheguei até aqui, devo muito a você, irmão!

Gostaria de agradecer ainda a minha cachorrinha, Chiquinha, que também nos deixou ano passado, mas que sempre foi fonte de muito amor e alegria.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, com a minha formação. Obrigada!

Na escada da vida, os degraus são feitos de livros.

(Dorina Nowill)

A aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político.

(Antonio Joaquim Severino)

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo destacar os principais obstáculos que circundam a formação do leitor com deficiência visual. O intuito é demonstrar que, apesar das muitas evoluções obtidas no âmbito da leitura, o convívio com textos acessíveis e de qualidade ainda figura como lacuna na formação do leitor cego.

A metodologia aplicada na pesquisa tem caráter exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa. A monografia divide-se em 5 capítulos, os quais evidenciam, por diferentes ângulos, a precariedade que permeia a formação desses leitores. A fim de romper com essas insuficiências, busca-se destacar estratégias e recursos que subsidiem a formação desses leitores, tornando esse processo completo e eficiente.

Além de investigação bibliográfica, o estudo contou também com elaboração e aplicação de questionário de pesquisa acerca do tema, respondido por 14 pessoas com deficiência visual. Ademais, foi realizado também um estudo de caso na Biblioteca José de Alencar da Faculdade de Letras da UFRJ, efetivado através de visita ao local e entrevista com a bibliotecária chefe.

Espera-se que este trabalho possa atuar como contribuição nas áreas da inclusão, da educação e da literatura, possibilitando um olhar sobre o tema, gerando nos profissionais envolvidos direta e indiretamente com a formação do leitor cego reflexões que promovam mudanças necessárias para um movimento de inclusão real e eficaz, no qual todos possam acessar, de igual maneira, a leitura literária. Afinal, a literatura é um direito de todos.

Palavras-chave: Biblioteca; Direito à literatura; Formação do leitor; Inclusão; Leitor cego.

RESUMEN

Esta monografía pretende poner de manifiesto los principales obstáculos que rodean la formación de lectores con discapacidad visual. Se pretende demostrar que, a pesar de los muchos avances obtenidos en el campo de la lectura, la dificultad de acceso a textos accesibles y de calidad sigue apareciendo como una laguna en la formación del lector ciego.

La metodología aplicada en la investigación tiene carácter exploratorio y descriptivo, con enfoque cualitativo. La monografía se divide en 5 capítulos, que muestran, desde diferentes ángulos, la precariedad que permea la formación de estos lectores. Para romper con esas insuficiencias, busca destacar estrategias y recursos que subsidian la formación de esos lectores, tornando ese proceso completo y eficiente.

Además de la investigación bibliográfica, el estudio también incluyó la elaboración y aplicación de un cuestionario de investigación sobre el tema, respondido por 14 deficientes visuales. Además, también se realizó un estudio de caso en la Biblioteca José de Alencar de la Facultad de Letras de la UFRJ, llevado a cabo mediante una visita al lugar y una entrevista con la bibliotecaria jefe.

Se espera que este trabajo pueda actuar como una contribución en las áreas de inclusión, educación y literatura, posibilitando una mirada sobre el tema, generando en los profesionales involucrados, directa e indirectamente con la formación del lector ciego, reflexiones que promuevan los cambios necesarios para un movimiento de inclusión real y efectivo, en el que todos puedan acceder, de la misma forma, a la lectura literaria. Al fin y al cabo, la literatura es un derecho de todos.

Palabras clave: Biblioteca; Derecho a la literatura; Formación de lectores; Inclusión; Lector ciego.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
<u>CAPÍTULO 1: A BIBLIOTECA E SUAS PROBLEMÁTICAS</u>	11
1.1) A TRAJETÓRIA DA BIBLIOTECA E SEU PAPEL SOCIAL	11
1.2) BIBLIOTECAS INCLUSIVAS	14
1.3) BIBLIOTECAS BRAILLE NO BRASIL	16
<u>CAPÍTULO 2: A FORMAÇÃO DO LEITOR CEGO</u>	20
2.1) A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO LEITORA	20
2.2) O LEITOR CEGO	23
2.3) O FENÔMENO DA DESBRAILIZAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA FORMAÇÃO DO LEITOR	25
<u>CAPÍTULO 3: A PESSOA CEGA E A LEITURA LITERÁRIA</u>	29
3.1) ANÁLISE DE QUESTIONÁRIO DE PESQUISA APLICADO PARA 14 PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	30
3.2) FORMA/ESTRUTURA/GRAFIA: A TRÍADE INDISPENSÁVEL NA LEITURA LITERÁRIA	33
<u>CAPÍTULO 4: UM ESTUDO DE CASO NA BIBLIOTECA JOSÉ DE ALENCAR DA FACULDADE DE LETRAS DA UFRJ</u>	42
4.1) ENTREVISTA COM A BIBLIOTECÁRIA-CHEFE DA BJA (FL-UFRJ)	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
ANEXO: QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO DE LEITORES COM DEFICIÊNCIA VISUAL	53

INTRODUÇÃO

A leitura é, sem dúvida, uma das formas mais importantes e eficazes para a aquisição de conhecimento. Ler não consiste apenas em decifrar caracteres, mas sim em traduzir o mundo através das palavras. Ler, além de potencializar o desenvolvimento pessoal e intelectual, amplia os conhecimentos culturais, econômicos, políticos, sociais, linguísticos e cognitivos. O ato da leitura é, entre outros aspectos, um ato político, pois formar-se leitor é dizer não a uma alienação cultural e social, é possuir bagagem literária para distinguir o superficial do sublime, o mítico do real, as invenções da verdade. Porém, é importante ressaltar que ler nem sempre se configura como uma experiência abnóxica, na qual o leitor desfruta de um prazer inocente, visto que ao aprofundar-se nas linhas de um livro, o leitor pode deparar-se com ideias assustadoras, as quais, como defende Candido (1989), podem atuar como fator de perturbação ou até mesmo de risco.

Nesse sentido, a formação do leitor é um processo que deve ser iniciado ainda no período da infância, com incentivo da família e da escola. O ato da leitura ultrapassa a decodificação de palavras e o entendimento de frases. Ler é explorar o texto, é saber identificar as linhas e as entrelinhas, é compreender que é possível ler o mesmo livro mais de uma vez e, a cada nova leitura, redescobrir uma narrativa diferente. Por isso, para a formação de um leitor ativo e pensante, é necessário que haja não apenas o hábito da leitura, mas sim uma prática, um exercício.

Contudo, para formar leitores competentes e capazes de gerenciar, organizar e relacionar ideias, é preciso que haja incentivo, que se desperte no leitor o desejo de adentrar as portas do saber, transformando-o em um detentor de conhecimento. Porém, para tanto, exige-se todo um processo que é construído por diversos componentes. O desenvolvimento do leitor está intrinsecamente ligado ao seu ambiente de formação, bem como às possibilidades ofertadas, isto é, se um indivíduo está inserido em um ambiente educacional no qual não há nenhum tipo de incentivo à leitura, dificilmente esse leitor em formação se interessará pelo ato de ler. Por outro lado, se houver incentivo, mas não houver recursos, ou seja, bibliotecas, livros disponíveis etc., também é possível que haja maior dificuldade no desenvolvimento de uma formação literária eficiente. Sendo assim, para garantir uma formação leitora adequada, é importante um trabalho colaborativo, no qual sejam disponibilizados recursos literários e a leitura possa ser estimulada em casa, desenvolvida na escola e aprimorada ao longo da vida.

Em vista disso, como defende Antonio Cândido (1989), a literatura corresponde a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. Porém, apesar da grande importância e dos benefícios que a prática da leitura possui, a falta de recursos que possibilitem o acesso aos livros ainda é um fator que atinge e prejudica muitos grupos, dentre eles, o grupo dos leitores com deficiência visual, objeto desta monografia. Nesse sentido, tendo em vista os diversos prejuízos que o não acesso à literatura acarreta, faz-se necessário refletir e repensar formas e métodos que viabilizem e tornem o ato da leitura cada vez mais presente no dia a dia de pessoas cegas ou com baixa visão.

Nesta perspectiva, considerando a inclusão um movimento que objetiva o acesso equitativo de todos os indivíduos a todos os ambientes, é possível aplicá-lo também em relação ao âmbito da leitura, visto que o acesso à literatura deve ser garantido à toda a população. Por conseguinte, é importante entender o conceito de inclusão e como ele atua com respeito às pessoas com deficiência, especificamente, em relação às pessoas com deficiência visual.

Esta monografia busca expor os diversos problemas que permeiam a formação leitora de pessoas com deficiência visual. O tema surgiu a partir da urgência que eu, pessoa com deficiência visual e estudante de Letras, senti ao vivenciar na pele a falta de acesso aos textos literários. Foram muitas as vezes em que tive que acompanhar as aulas sem dispor de materiais, tendo que recorrer aos meus colegas para que lessem os textos para mim. É claro que nem sempre esse favor era possível, pois às vezes tínhamos leituras de mais de 300 páginas, algo que inviabilizava totalmente a contribuição de meus colegas. No entanto, essa não era, de fato, função deles, visto que todas as obras deveriam estar adaptadas para todos os leitores. Por isso, ao dialogar com colegas com deficiência visual, percebi que esse não era um problema individual, todos eles vivenciam o mesmo, sendo prejudicados e privados de muitas leituras. Assim, esta monografia se configura como alerta e denúncia de uma realidade que precisa ser mudada o quanto antes.

CAPÍTULO 1

A BIBLIOTECA E SUAS PROBLEMÁTICAS

1.1) A TRAJETÓRIA DA BIBLIOTECA E SEU PAPEL SOCIAL

Desde os tempos mais remotos, as bibliotecas foram vistas como instituições que possuíam como função precípua a preservação de livros e informações, com o intuito de perpetuar a cultura. Através da história, é possível perceber que a biblioteca nasce: "[...] da necessidade do homem em reunir e conservar os conhecimentos de sua época, o que só é possível a partir da invenção da escrita" (SILVA, 2013, p.2, apud ANNA, 2015, p.42). No entanto, é apenas a partir do século XV, no Renascimento, que a biblioteca se abre para o público e se torna um lugar passível de mudanças, pois nesse período ela intervinha nas condutas sociais e, portanto, devia atuar de acordo com as conjunturas vigentes. Nesse sentido, Anna (2015) citando Martins (2001), destaca que a instituição bibliotecária passou por quatro grandes etapas evolutivas, são elas: laicização, democratização, especialização e socialização. Segundo o autor, cada um destes estágios delineou a biblioteca e a consumou como a conhecemos hoje. No entanto, estes processos foram longos e ocorreram de diferentes formas em cada região. No Brasil, por exemplo, a laicidade destes espaços começou a efetivar-se a partir do século XIX, pois antes estes ambientes sofriam com a censura da igreja.

As bibliotecas no Brasil surgiram como instituição ainda no período de colonização, com a instalação do governo geral na Bahia. No entanto, eram espaços estritamente voltados para obras de cunho religioso. Segundo Santos (2010), as bibliotecas existentes no país eram as dos mosteiros, dos conventos e dos colégios religiosos, além de bibliotecas particulares, como a de padres, advogados e cirurgiões. Lamentavelmente, a leitura não era uma realidade para muitos, já que o analfabetismo era um fato para a maioria da população, a impressão de livros consuma-se tardiamente na colônia e as bibliotecas eram restritas e escassas - portanto, conseguir acesso aos livros era uma tarefa difícil. Foi durante a transição entre o século XVIII e o século XIX que os livros começaram a ganhar espaço no país e entre a população, através da criação de mais bibliotecas, de gabinetes de leituras, de livrarias e da leitura oral, pública ou privada, que possibilitava o debate sobre os livros. Embora a prática da leitura tenha se ampliado, a formação cultural e intelectual dos jovens ainda era dentro das bibliotecas administradas pelo clero.

Na Europa, com o fim da inquisição católica e com o advento da imprensa, o espaço bibliotecário sofreu uma grande transformação. De guardião dos livros à propagadora de conhecimento, a biblioteca passa, aos poucos, a tornar-se um ambiente formador, em que a leitura e o acesso a diversos tipos de textos proporcionam o desenvolvimento da crítica e do pensamento. Porém, o acesso a este ambiente intelectual ainda era exclusivo da burguesia. Contudo, a biblioteca seguiu evoluindo e as grandes revoluções, como a Revolução Francesa, foram de suma importância para o crescimento bibliotecário. Após deixar a regência da igreja e libertar livros antes oprimidos, a biblioteca passou a outro estágio, o da democratização. Neste momento, além de ofertar a informação, a biblioteca passou a disseminar conteúdos, tornando-se então, um espaço para todos os públicos. É a partir desse período que a biblioteca se afasta de uma atuação excludente e elitista e abre suas portas para a população em geral, fomentando assim, a curiosidade e o desejo pelo saber. A partir disso, outro estágio importante que sucede é a especialização, que envolve a oferta de materiais para determinados tipos de leitores e, aqui, podemos incluir as bibliotecas braille, já que estas oferecem materiais especializados, isto é, destinados a determinado público.

Por fim, o último estágio, ocorrido já no final do século XX, consiste na socialização, que além de fornecer conhecimento, busca promovê-lo, aproximando livros e leitores com o intuito de ampliar a população leitora. Este estágio é muito importante, pois a biblioteca passa a exercer um caráter mais ativo, transfigurando-se de forma a aproximar-se da população. Para tanto, muitas instituições ultrapassam as quatro paredes e saem de seus espaços padrões, ocupando ruas, feiras literárias, praças etc. Como exemplo, pode-se citar o projeto *Parada literária*, realizado pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em conjunto com o Instituto Federal do Maranhão (IFMA), com o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e com o apoio da empresa Rio Anil Transportes. Este projeto foi abordado no artigo “A função social da biblioteca”, de Sousa e Pinho (2019), no qual as autoras entrevistam a bibliotecária responsável pelo desenvolvimento da ação. O projeto consistia em disponibilizar, em um terminal rodoviário do Maranhão, um acervo literário de cerca de 232 títulos, os quais poderiam ser emprestados aos leitores sob as regras de empréstimo e devolução. O intuito do projeto era promover a leitura durante a espera do ônibus e, assim, despertar o interesse pela leitura nos passageiros ou qualquer pessoa que passasse por aquela região. A ação, infelizmente, teve duração de apenas um ano e meio, mas cumpriu sua missão de inserir a leitura no dia a dia da população, pelo menos temporariamente.

As modificações bibliotecárias ainda não chegaram ao fim, a biblioteca segue se desenvolvendo, como toda organização viva. Atualmente, o processo pelo qual está passando é o da virtualização, pois com o advento da internet, o espaço bibliotecário teve que adaptar-se às exigências e transladar-se para o ambiente virtual. Certamente este é um dos períodos que mais está gerando debates sobre o futuro desta instituição, pois alguns veem esta mudança como uma ameaça, enquanto outros a percebem como mais uma oportunidade para a evolução e crescimento.

Por conseguinte, é imprescindível o reconhecimento da importância destes espaços, principalmente, da biblioteca pública, já que ela trabalha para servir a todos, sem distinção de raça, crença ou classe social. Apesar de toda a sua trajetória e das diversas conquistas, estas instituições atualmente sofrem com a desvalorização e a falta de investimentos, o que reverbera na escassez de recursos e na dificuldade de desenvolver metodologias de fomento à leitura. Em 2022, o jornal da USP publicou uma notícia, na qual denunciava o desmonte das bibliotecas públicas e apresentava um dado, disponibilizado pelo Sistema Nacional de Bibliotecas públicas (SNBP), o qual apontava que entre 2015 e 2020, o Brasil perdeu cerca de 800 bibliotecas por conta dos cortes sofridos nas políticas de incentivo à cultura e educação. Tal dado revela o descaso com estas instituições, com a população e com o direito de cidadania, uma vez que estes espaços possuem um papel formador, e atuam como um elo fundamental entre o saber, a informação e o leitor.

A biblioteca pública, porta de acesso local ao conhecimento, fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais. (MANIFESTO,1994).

Dessa forma, tendo em vista sua grande relevância para o desenvolvimento social, é indiscutível que deve haver investimentos e legislações que garantam a permanência destas importantes instituições de cultura e formação, visto que elas possibilitam a expansão do pensamento e a propagação do conhecimento de forma gratuita e livre. Uma vez que esse direito é negado, potenciais leitores em vulnerabilidade social são impelidos a abdicarem dos livros, o que gera um movimento retrógrado no processo evolutivo das bibliotecas, retornando ao ponto em que apenas determinada parcela da população tinha acesso à leitura. Quando o conhecimento vira mercadoria e os leitores, consumidores, a educação deixa de ser um foco e torna-se um produto. Portanto, a luta para manter as nossas bibliotecas deve ser constante, pois mantê-las significa manter a nossa memória, a nossa história, e dizer não à falta de informação de qualidade.

1.2) BIBLIOTECAS INCLUSIVAS

Tendo em vista todo o transcurso realizado pelas bibliotecas e sua grande relevância para a formação cidadã, faz-se importante debater também como estas instituições se portam mediante a demanda de fornecimento de materiais e informações às pessoas com deficiência visual. Sabe-se que falar de acesso e direito das pessoas com deficiência significa falar também de inclusão social e políticas de acessibilidade. Por isso, antes de adentrar propriamente ao tema das bibliotecas inclusivas, é importante tecer algumas considerações sobre a concepção de inclusão.

O conceito de inclusão vem sendo bastante debatido nos últimos anos.¹ Tal discussão é de extrema relevância, visto que muito se confunde a ideia de inclusão com a ideia de integração. A primeira diz respeito à participação da pessoa com deficiência na sociedade, isto é, não se trata apenas de uma inserção, mas sim do direito de colaborar, de forma ativa, na sociedade de uma maneira geral. Em contrapartida, a noção de integração refere-se à inserção da pessoa com deficiência em ambientes nos quais lhes são oferecidos materiais diferentes dos ofertados àqueles que não possuem deficiência. Segundo Freire (2008), nesse contexto, é a pessoa com deficiência que deve se adaptar ao meio, e não o contrário. Nesse sentido, é importante entender que até alcançar a ideia de inclusão, esse processo trilhou uma longa trajetória, passando por quatro grandes estágios: a exclusão, a segregação, a integração e, por fim, a inclusão. A exclusão refere-se a um período em que as pessoas com deficiência eram totalmente descartadas da sociedade, sem qualquer lei ou órgão que a protegesse. Nessa fase, as pessoas que possuíam alguma deficiência eram destinadas, geralmente, à morte, pois acreditava-se que a deficiência provinha de alguma maldição ou castigo divino. Já no período da segregação, estes indivíduos ainda não eram aceitos na sociedade, porém, eram acolhidos em instituições ou casas religiosas, afastados da sociedade e em contato apenas com pessoas que possuíssem a mesma condição. No entanto, com as evoluções da sociedade, foi conquistado o nível de integração, no qual as pessoas com deficiência não eram mais obrigadas a resguardarem-se em ambientes isolados, pois já era possível aceder a lugares comuns, porém, sem acessibilidade. Por fim, o período da inclusão é uma verdadeira conquista, pois nessa fase, os ambientes passam a ser pensados para todos, sem qualquer tipo de distinção.

¹ É importante ressaltar que a questão da inclusão não se restringe apenas a pessoas com deficiência, dado que existem formas de exclusão social, racial, de gênero etc. No entanto, no escopo deste trabalho, tratamos apenas dos problemas relacionados à inclusão de pessoas com deficiência visual.

Os conceitos de inclusão e integração são frequentemente vinculados à inclusão escolar, já que um dos principais documentos que trata desse tema, a Declaração de Salamanca, aborda justamente a inclusão nas escolas. No entanto, estes conceitos também podem ser aplicados em relação à sociedade de forma geral, entendendo-se que todos os espaços, sejam eles educacionais ou não, devem ser pensados para a participação de todos os indivíduos. Nesse sentido, a biblioteca, sem dúvida, é um dos espaços que demanda a prática da inclusão, visto que é um ambiente de propagação do saber e, como tal, deve atuar como vetor de informações, visando o alcance de todos os públicos. Para tanto, é imprescindível que as bibliotecas tenham conhecimento do conceito de inclusão e das leis que asseguram os direitos dessa parcela da população, como a Lei Brasileira de Inclusão, que garante a participação das pessoas com deficiência na sociedade. Nesse sentido, para construir uma biblioteca inclusiva, além das leis, é preciso saber quais são as barreiras que devem ser rompidas para que determinado público possa acessar estes espaços. As barreiras a serem superadas podem ser classificadas, de acordo com Sasaki (2010) em:

[...] arquitetônica (sem barreiras físicas), comunicacional (sem barreiras na comunicação entre pessoas), metodológica (sem barreiras nos métodos e técnicas de lazer, trabalho, educação etc.), instrumental (sem barreiras de instrumentos, ferramentas, utensílios etc.), programática (sem barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc.) e atitudinal (sem preconceitos, estereótipos, estigmas e discriminações nos comportamentos da sociedade para pessoas que têm deficiência). (SASSAKI, 2010, p.2)

Assim, depreende-se que existem diversos fatores a serem levados em conta para que os obstáculos sejam anulados, pois não basta que se rompam barreiras arquitetônicas e continuem existindo as barreiras atitudinais, por exemplo. É necessário que se pense formas de efetivar a inclusão em sua completude e, não apenas parcialmente.

Consonante a isso, pensar uma biblioteca inclusiva para pessoas cegas ou com baixa-visão implica conhecer as metodologias e mecanismos de acessibilidade que possibilitam o íntegro aproveitamento do ambiente pela pessoa com deficiência visual. Nesta perspectiva, como o foco desta pesquisa é a pessoa cega, o primeiro elemento de acessibilidade que deve estar presente em uma biblioteca inclusiva são os livros em braille, dado que uma das funções bibliotecárias é o armazenamento de livros físicos. De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão, a pessoa com deficiência deve ter acesso à leitura, à informação e à comunicação e, portanto, é compromisso do governo e das instituições de cultura e informação disponibilizarem materiais acessíveis, dentre eles, o braille. Atualmente, devido aos avanços tecnológicos, alguns lugares têm optado pelos audiobooks e/ou pelos formatos digitais, deixando a demanda de braille por último. Porém, essa atitude, além de contribuir para o

processo da desbrailização (redução do uso da leitura braille), ainda o potencializa, já que reafirma a ideia de que este é um recurso escasso e difícil de se obter. Em vista disso, é importante reconhecer a relevância da leitura braille e entender que ela é tão indispensável quanto as outras metodologias de acessibilidade. No entanto, a presença de materiais braille não deve significar a anulação de livros em áudio e similares, muito pelo contrário, a pessoa com deficiência visual, assim como a pessoa vidente, deve ter o direito de escolher em qual formato ela gostaria de ler. Já em relação às pessoas que possuem baixa-visão, são indispensáveis ferramentas como: livros ampliados, instrumentos de ampliações como as lupas eletrônicas, textos em alto-contraste.

É importante destacar ainda que não basta que a biblioteca tenha livros acessíveis, é fundamental que o espaço e os funcionários também estejam preparados para receber este público. Nesse sentido, é importante que, em termos arquitetônicos, a instituição apresente piso tátil para auxiliar na locomoção, mapas tátil para o reconhecimento do local, estantes de livros com indicações em braille sobre o temário abordado na sessão, para que a pessoa possa dispor de autonomia no momento de encontrar o livro que procura. Além disso, também é fundamental a capacitação dos bibliotecários, uma vez que estes funcionários são mediadores do saber e, a partir do aprendizado do braille e das diversas tecnologias assistivas, conseguirão oferecer, de forma muito mais eficaz, assistência ao público com deficiência visual. Por conseguinte, é necessário que todas essas barreiras que impedem o acesso pleno de pessoas cegas ou com baixa-visão sejam rompidas, pois a biblioteca, como espaço de transformação individual e coletivo, deve ser acessada por todos.

1.3) BIBLIOTECAS BRAILLE NO BRASIL

As bibliotecas braille são instituições que apresentam livros em formatos acessíveis para pessoas com deficiência visual. Estes espaços são resultado da luta das pessoas cegas e com baixa-visão pelo acesso ao conhecimento e pela universalização do saber. De acordo com o manifesto da Unesco (2022):

A liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento social e individual são valores humanos fundamentais. Tais valores só vão ser alcançados por meio da capacidade de cidadãos bem-informados exercerem seus direitos democráticos e desempenharem um papel ativo na sociedade. (MANIFESTO, 2022).

Foram preceitos como estes que impulsionaram a criação das bibliotecas braille, visando a inclusão e disseminação de informação de maneira equitativa. Atualmente, o Brasil conta com algumas bibliotecas braille, mas lamentavelmente são poucas e não estão presentes em todas as cidades. Decerto, o ideal seria que elas não precisassem existir, pois todas as bibliotecas deveriam cumprir com a sua função de ofertar informação para todos os públicos. No entanto, não é isso que acontece na prática e por esse motivo essas bibliotecas especializadas desempenham um papel muito importante, uma vez que elas suprem essa falta de acesso à leitura.

Os estados brasileiros que são referência por investirem em materiais acessíveis são Paraná e São Paulo - mas isso não aponta necessariamente para uma concentração regional dos recursos. A Biblioteca Pública do Paraná (BPP), em Curitiba, foi uma das pioneiras no que diz respeito à acessibilidade para cegos. Segundo o site da BPP, a biblioteca possui acervo de mais de 30 mil obras digitalizadas, 3 mil livros em Braille e 4 mil falados, além de contar com 60 filmes com audiodescrição. Por conta disso, a BPP é considerada uma das maiores bibliotecas inclusivas do Brasil. Em entrevista para a matéria intitulada “Muito além do Braille: como a tecnologia tornou a literatura mais acessível e interessante aos deficientes visuais”, publicada em 2016, a então coordenadora da sessão Braille, Cleomira Burdinski, afirmou que a BPP já teve o maior acervo nacional de livros acessíveis do país, mas que atualmente outras bibliotecas já a ultrapassaram, como a Biblioteca Pública do Amazonas, que utilizou o acervo da BPP como base e hoje tem o seu próprio. Vale ressaltar que, além dos livros acessíveis, a BPP ainda conta com equipamentos de visão artificial, como os óculos OrCam Myeye, que fotografam textos e os transformam em áudios, além de possuírem outras funcionalidades, como a identificação de cores, rostos e objetos. O espaço oferta ainda cursos de braille e soroban (ábaco que constitui recurso educativo para cálculos matemáticos), com o intuito de capacitar professores. Apesar do foco na docência, os cursos também são abertos à comunidade, para aqueles que tenham interesse em aprender.

Já em São Paulo, a Biblioteca Louis Braille, idealizada por Dorina Nowill, e localizada no Centro Cultural São Paulo, também se destaca como referência no assunto. Com um acervo rico, a biblioteca possui 2 mil livros em áudio e cerca de 6.159 em braille, sendo um dos poucos lugares em que o braille se apresenta em maior quantidade. O acervo é composto de obras didáticas e paradidáticas, atendendo alunos do Ensino Fundamental, Médio e Superior. Conta com literatura infanto-juvenil, obras de ficção, clássicos da literatura brasileira, portuguesa, inglesa, francesa, dentre outros. Além disso, no Estado de São Paulo,

há outros ambientes que demonstram preocupação com a formação do leitor cego, como é o caso da LARAMARA (Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual), que possui um curso de comunicação e expressão para pessoas com deficiência visual. Utilizando-se da literatura, o curso visa incentivar os alunos a ler e escrever, já que muitos cegos acabam tendo dificuldades com a escrita, devido ao baixo contato com o braille, algo que causa graves problemas de ortografia e estruturação de texto.

Além das bibliotecas citadas, vale destacar também as Bibliotecas presentes no Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro. A instituição apresenta três espaços destinados à formação de leitores: a biblioteca Louis Braille, a biblioteca Álvares de Azevedo e uma biblioteca infantil. A biblioteca Louis Braille surgiu ainda no final do século XIX, e seu acervo inicial foi composto por doações de Manuel Álvares de Azevedo, pai de José Álvares de Azevedo. Porém, devido à pouca quantidade de livros em Braille, a biblioteca passou a receber também livros em tinta, os quais eram lidos para as pessoas com deficiência visual por leitores. Dessa forma, o espaço de leitura foi ampliando seu acervo tanto em Braille quanto em tinta e, com o avanço da tecnologia, foi criando também seu acervo em áudio. Segundo Ferreira (2008), a biblioteca conta com 4 tipos de acervos diferentes: um acervo em braille, com 830 títulos, um acervo em tinta, com 14.500 títulos aproximadamente e uma audioteca com 500 livros em fita k7 e 148 em CD. É importante salientar que, apesar de entrar em contato com a instituição, não foi possível a obtenção de dados atualizados. Além da biblioteca Louis Braille, há também a biblioteca Álvares de Azevedo, que possui como foco o atendimento de pesquisadores que estudam a deficiência visual e suas especificidades nas diversas áreas do conhecimento. O acervo é composto de livros técnicos, teses, dissertações, monografias, artigos científicos e audiolivros. Dentre os assuntos abordados estão: a inclusão da pessoa cega e com baixa-visão na educação e na sociedade, orientações para pais de crianças com deficiência visual, ensino do braille, ensino do uso do soroban, entre outros. Por fim, a instituição conta ainda com uma biblioteca infantil destinada aos alunos do colégio, que visa a estimular o prazer pela leitura. De acordo com o site do IBC, a biblioteca é composta por um acervo de cerca de 7 mil livros infantis, os quais estão distribuídos entre os formatos braille, tinta e áudio.

É importante destacar, ainda, a relevância do papel das bibliotecas virtuais, como a Dorinateca, que dispõe de um vasto acervo de livros acessíveis em vários formatos: Braille, Digital Acessível DAISY, MP3 e fonte ampliada. O trabalho desenvolvido pelas bibliotecas virtuais é fundamental para a concretização da leitura literária inclusiva, já que possibilita o

acesso à leitura aos deficientes visuais que não dispõem de bibliotecas acessíveis em sua cidade.

CAPÍTULO 2

A FORMAÇÃO DO LEITOR CEGO

2.1) A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO LEITORA

Segundo Freire (1982) ler é um ato político, um ato de reafirmação do sujeito, no qual seu contato com a palavra o singulariza enquanto intérprete do mundo. Nesse sentido, ler está intimamente ligado à capacidade de relacionar as vivências e experiências do mundo com aquilo que se lê, produzindo assim, em cada indivíduo, uma forma de leitura particular. Consonante a isso, faz-se importante refletir sobre como uma formação leitora é importante para o desenvolvimento de cada indivíduo como pessoa e como ser pensante, algo que gera, conseqüentemente, um impacto social, pois à medida em que uma população se torna letrada, passa a ter consciência dos efeitos políticos ao seu redor. No entanto, é importante ressaltar que os livros, por vezes, também são veículos de ideias retrógradas, que podem incitar pensamentos reacionários, como a defesa de ditaduras, de violência ou qualquer ideal que fira os direitos humanos. Todavia, essas ideias conseguem ser aceitas apenas quando o leitor não desenvolveu habilidades analíticas, pois quando há uma formação leitora eficiente, o leitor geralmente está capacitado para refletir, analisar e criticar aquilo que está sendo lido, ou seja, ele não é apenas um receptor de ideias, mas também um crítico do conteúdo com o qual está em contato.

Nesse sentido, a leitura, parte substancial do saber, fundamenta a interpretação de cada indivíduo, influenciando assim sua forma de compreender o outro e ler o mundo. Como defende Krug (2015), é por meio do texto que se definem posicionamentos, pois é quando nos questionamos acerca da potencialidade e opiniões de autores que refletimos e geramos nossos próprios conceitos e conseqüentes ilações. Dessa forma, em um país no qual a leitura crítica não é incentivada, é muito comum o desenvolvimento de problemas educacionais, sociais e políticos. Um exemplo disso é a divulgação e o compartilhamento de *fake news*, como vem sendo o caso do Brasil nos últimos tempos. O compartilhamento de notícias falsas está atrelado à dificuldade de rebater e questionar certos conteúdos. Quando o exercício da leitura crítica não é praticado, há uma tendência à absorção de informações sem qualquer tipo de reflexão, algo que torna vulneráveis estes leitores, uma vez que podem ser facilmente manipulados.

A partir disso, é inegável que a leitura possui um papel fundamental na formação dos indivíduos e, portanto, configura-se como um direito universal. Nesse sentido, como já defendeu Antonio Candido (1989), também é importante destacar o acesso à literatura como um direito de todas as pessoas. A leitura literária revela-se como um patamar importantíssimo na vida de um leitor em formação, não porque ela seja superior, mas sim por exigir, em muitos casos, um domínio maior das habilidades do ato de ler. Dessa forma, antes de tudo, é importante definir a qual literatura estamos nos referindo. Trata-se das obras que pressupõem uma motivação estética, a arte em forma de palavra. E aqui vale esclarecer que o termo "motivação estética" não está relacionado a vertentes parnasianas, mas sim a um fazer literário, a saber construir o texto de forma ornamentada, poética, artística, organizando e relacionando suas frases de forma a lapidar uma ideia. Aclarado isto, Candido defende que o acesso à leitura literária caracteriza-se como um direito global, porque a literatura é inerente a todas as sociedades, uma vez que o poético, o fabuloso, o imaginário estão presentes no nosso dia a dia como parte constitutiva e indispensável de nossa condição humana. Nesse sentido, a forma como Candido descreve a manifestação da literatura na sociedade e no ser humano é bastante pertinente:

Alterando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CANDIDO, 1989, p.5)

A reflexão do autor é muito interessante, já que a literatura é, de fato, produção reveladora da sociedade, visto que evidencia suas crenças, valores e costumes. Não é por acaso que uma das formas mais profícuas de se adquirir conhecimento sobre determinada sociedade é conhecendo a sua literatura, a forma de escrever de seus autores. Como defende Manuel Rui em sua obra "Eu e o outro - o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto" (1987), a literatura é uma forma de reafirmar um povo, uma cultura. Quando essa literatura é ameaçada, a cultura deste povo também é ameaçada. Rui defende que tentar eliminar uma literatura é buscar o apagamento de uma identidade, de uma tradição, de uma história. Sendo assim, a literatura como construção artística formal deve sempre ser propagada e conservada, pois é através dela que o mundo se materializa enquanto mundo.

Porém, como já foi dito, a leitura nem sempre gera impactos positivos, pois, como argumenta Candido:

A respeito destes dois lados da literatura, convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador de personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. Daí a ambivalência da sociedade em face dele, suscitando por vezes condenações violentas quando ele veicula noções ou oferece sugestões que a visão convencional gostaria de proscrever. (CANDIDO, 1989, p. 5)

Assim, é importante refletir sobre algumas ideias equivocadas que se formam em relação à leitura literária. Como ressaltou Candido, a literatura apresenta dois lados: um diz respeito ao mágico, ao sublime, ao prazer de se imaginar em diversos cenários, porém, outro, mais real e sério, confronta a realidade e põe o leitor de frente com verdades cruéis, assustadoras, as quais ele talvez nunca tivesse preferido descobrir. Muitas vezes a ideia de "prazer da leitura" é difundida de maneira errônea, já que muitos concebem a literatura como um passatempo, uma atividade de distração e relaxamento. Contudo, o fazer literário implica uma complexidade que atua no campo da subjetividade, da multiplicidade de ideias e interpretações. Portanto, o fato de encarar a leitura de forma prazerosa implica em um processo, assim como defende Azevedo: "A leitura, como muitas coisas boas da vida, exige esforço e o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação" (AZEVEDO, 2004, p. 1). Dessa forma, o prazer da leitura está ligado à capacidade e intimidade do leitor com a obra e com o ato de ler. Trata-se da capacidade de se relacionar com a obra lida e de entender que, ao adentrar o universo literário, o leitor deve desprender-se da objetividade e dar espaço ao subjetivo, ao imaginado, à singularidade das analogias, das fantasias, das invenções. Todos esses fatores, compositores da literatura são importantes e imprescindíveis na experiência do leitor com o mundo, pois é através da leitura que é possível trabalhar temas humanos que são, muitas vezes, evitados pelo discurso comum e informativo.

No entanto, apesar da relevância que a prática literária apresenta, seu acesso ainda é muito restrito para muitos grupos, em especial, para as pessoas com deficiência visual. A escassez de livros em Braille, a falta de espaços acessíveis e a dificuldade de encontrar materiais adaptados são alguns dos problemas que estes leitores enfrentam. Conseguir obter uma formação leitora adequada é um árduo desafio, já que este público acaba perdendo muito no que diz respeito ao mundo literário, e o ato de ler acaba se tornando tedioso e fatigante, visto que muitas das vezes existem poucas opções de leitura ou, quando o leitor deseja uma

obra específica, tem que percorrer um longo caminho até consegui-la, isso quando a consegue.

2.2) O LEITOR CEGO

Após as discussões efetuadas até o presente momento, foi possível constatar que a leitura é, sem dúvida, um recurso indispensável para a formação cidadã, sendo, portanto, direito de todos poder acessá-la de igual maneira. No caso desta pesquisa, o foco é o público que possui deficiência visual, mais especificamente, as pessoas cegas. Por isso, abordaremos brevemente quem são essas pessoas, quais as problemáticas que circundam sua formação leitora e como podemos pensar soluções para que essa formação se torne completa, eficaz e produtiva.

A princípio, faz-se importante destacar a diferença entre cegueira e baixa-visão. Segundo a portaria 3128, de 2008:

§ 2º Considera-se baixa visão ou visão subnormal, quando o valor da acuidade visual corrigida no melhor olho é menor do que 0,3 e maior ou igual a 0,05 ou seu campo visual é menor do que 20º no melhor olho com a melhor correção óptica (categorias 1 e 2 de graus de comprometimento visual do CID 10) e considera-se cegueira quando esses valores encontram-se abaixo de 0,05 ou o campo visual menor do que 10º (categorias 3, 4 e 5 do CID 10).

Dessa forma, depreende-se que, todo cego é deficiente visual, mas nem todo deficiente visual é cego, já que este termo abrange também as pessoas com baixa-visão. No caso desta monografia, o termo está sendo utilizado, geralmente, como sinônimo de cegueira, pois o grupo das pessoas com deficiência visual é bastante heterogêneo e por isso foi necessário um recorte para realizar a abordagem do tema, uma vez que a cegueira e a baixa-visão possuem demandas distintas. No entanto, é importante salientar que não deixaremos de evidenciar as necessidades das pessoas com baixa-visão, apenas não nos aprofundaremos nelas. Dito isso, cabe agora esclarecer quem é o leitor cego de quem estamos falando nesta pesquisa. Esse leitor é aquele que necessita de mecanismos como braille, leitores de tela, audiolivros e similares para efetivar o ato da leitura e, muitas vezes, não os consegue. Esse leitor é aquele que deseja adentrar as portas da leitura e da literatura, mas é barrado pelas fechaduras da exclusão e da falta de acesso. Esse leitor é aquele que chega numa biblioteca buscando um determinado livro e tem que escutar do bibliotecário: "até temos o livro que você procura, mas

apenas em tinta. Te atende?" e ele tem que dizer "não". Esse leitor é aquele que entra numa livraria, toca livros e livros e não pode ler nenhum. Esse leitor sou eu, são meus amigos com deficiência visual e todos que possuem essa mesma condição e enfrentam diversos obstáculos para realizar uma ação tão simples, que deveria ser um direito de todos. Apesar das diversas leis e decretos que garantem o acesso à cultura, à informação, à comunicação e à educação a todas as pessoas, ainda há muito para percorrer, pois o que se observa é um enorme distanciamento entre a legislação e sua efetivação. Nesse sentido, é preciso identificar quais são os principais problemas presentes no processo de formação de leitores com deficiência visual e buscar saná-los.

Decerto, a formação de qualquer leitor está atrelada à sua formação educacional e ao meio que o circunda. Porém, o leitor cego lida com alguns problemas específicos que o impedem de estabelecer uma formação prazerosa e acolhedora. Um dos principais fatores está ligado, sem dúvida, à dificuldade de acesso aos livros, seja de forma virtual ou física. O papel das bibliotecas braille é muito importante, mas é fundamental que esse trabalho se expanda e que os livros em braille e em formato áudio possam estar presentes tanto nessas instituições quanto nas demais bibliotecas, nas escolas, nas universidades, nas livrarias, nas casas das pessoas que necessitam desse material. Devido à do braille, atualmente o principal meio de leitura para as pessoas com deficiência visual é o áudio, seja em formato de ebooks, audiolivros, ou textos em PDFs lidos por leitores de tela. Os aplicativos mais utilizados para a leitura são: o TackBack, leitor para dispositivos Androide; o aplicativo Voice Over para Iphones; os leitores de tela NVDA e Jaws, que são utilizados nos computadores; o programa Dosvox e o leitor de livros MecDaisy, que lê livros digitais no formato DAISY.

Conquanto, apesar das vastas possibilidades de leitura em áudio, a leitura braille está se tornando cada vez mais rara, algo prejudicial à formação do leitor com deficiência visual, pois além de não permitir uma escolha pelo livro físico, ainda o priva do contato íntimo com as palavras, afastando-o da estrutura do texto. É claro que as tecnologias de áudio são importantíssimas, pois elas possibilitam a realização da leitura em variados ambientes, já que não precisam ser fisicamente transportadas. Além disso, também agiliza a leitura de obras extensas, visto que o braille, por possuir uma configuração distinta, acaba sendo mais volumoso. Uma obra de 100 páginas em tinta, por exemplo, pode equivaler a 500 páginas em braille. No entanto, essas vantagens que a leitura em áudio possui não são justificativa para o baixo investimento na produção do braille. As duas fontes de acessibilidade devem ser

dispostas de igual maneira para que o leitor possa se descobrir e encontrar qual a melhor forma de leitura.

2.3) O FENÔMENO DA DESBRAILIZAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA FORMAÇÃO DO LEITOR

O sistema braille é um método de leitura e escrita desenvolvido no século XIX por Louis Braille, que perdeu a visão aos 3 anos devido a um acidente na oficina de seu pai. A configuração de escrita desenvolvida pelo pioneiro francês se baseou em um código, chamado "escrita noturna", que era utilizado por militares para estabelecer comunicação sem a necessidade de luz durante as guerrilhas. Porém, segundo Galvão (2022), esse sistema era muito limitado, pois não apresentava símbolos de pontuação, acentos ortográficos, numerais, entre outros - algo que gerava uma certa dificuldade no momento de decifrar os caracteres. Pensando em seu aperfeiçoamento, Louis Braille estudou formas para tornar essa metodologia mais completa e simples, em que a leitura e a escrita pudessem ser realizadas de maneira fluida, sem tantas imprecisões. Foi assim que nasceu o sistema braille como é conhecido hoje, com 6 pontos e 63 combinações, as quais formam letras, números, símbolos e sinais. No Brasil, esse sistema chegou por volta de 1850, por intermédio de José Álvares de Azevedo que, por ser cego de nascença, havia viajado para a França ainda em sua infância para estudar no Instituto Real para Cegos de Paris - onde aprendeu a escrita braille. Azevedo ficou tão feliz e grato por ter aprendido a ler e escrever que queria que todos aqueles que tivessem algum comprometimento que os impedisse de utilizar a escrita convencional conhecessem o braille. Assim, além de escrever artigos sobre a educação de crianças e jovens cegos, José Álvares de Azevedo também disseminou esse sistema no Brasil, apresentando-o para o então imperador D. Pedro II. Encantado com a nova forma de escrita, D. Pedro II determinou que fosse providenciada uma escola para cegos, nos mesmos moldes que o Instituto de Paris. Dessa forma, em 1854, foi criado o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atual Instituto Benjamin Constant.

Apesar de ser muito eficiente, o método braille apresentava uma certa dificuldade de acesso, pois como não havia impressoras Braille, os materiais eram produzidos em pequenas escalas e a longo prazo, uma vez que todo o trabalho era realizado manualmente. Porém, com o passar dos anos, já no final do século XX, surgiram as impressoras automatizadas, que se utilizam de softwares para realizar a impressão de livros, o que fez com que a produção

aumentasse consideravelmente a partir daquela época. Um pouco mais tarde, com os progressos tecnológicos, além dos softwares que colaboravam com o uso de impressoras, surgiram também os programas leitores de tela, os quais gerariam uma independência às pessoas com deficiência visual que não tinham acesso a obras em braille e dependiam de terceiros para realizar a leitura. Desse momento em diante, as tecnologias assistivas começaram a ganhar espaço e a transformar a vida daqueles que as utilizam. Os maiores progressos em relação à leitura foram a criação de programas que possibilitam a leitura dos textos, os audiolivros, os ebooks e o aprimoramento das impressoras, que se tornam cada vez mais compactas e modernas, algo que facilita a produção de materiais em braille.

No entanto, embora haja avanços no que diz respeito aos mecanismos de escrita braille, não é possível perceber com nitidez a repercussão destes progressos, visto que o braille está sendo cada vez menos utilizado na atualidade. "A palavra escrita está em toda parte para quem enxerga, mas, para a pessoa cega, apenas a alfabetização braille a fará sentir e tocar as palavras em seu próprio tempo". (GALVÃO, 2022, p.101). Ou seja, o braille é um dos meios mais eficientes e indicados para os leitores cegos, já que é a única forma que possibilita total acesso ao texto, sem interferências de uma segunda voz. É como defendem Gehm e Silva: "Tal como a leitura visual, a leitura Braille leva aos alunos os conhecimentos e desenvolvimento cognitivo, através de mecanismos que facilitam a meditação e assimilação daquilo que se lê" (GEHM; SILVA, 2017, p. 828). Dessa forma, o contato físico com os textos faz parte de uma formação leitora eficiente e completa, uma vez que estes não são compostos apenas por palavras, há uma série de elementos, principalmente na leitura literária, que colaboram para a construção do sentido. Assim, percebe-se que os avanços tecnológicos, apesar de repercutirem positivamente para a inclusão da pessoa com deficiência visual, vêm provocando por outro lado um fenômeno chamado de desbrailização, que consiste na substituição do uso do Braille por ferramentas tecnológicas, como sintetizadores e leitores de tela. Esse fenômeno está ganhando cada vez mais força devido à praticidade que os meios eletrônicos oferecem, já que muitos leitores preferem ouvir os livros, algo que colabora para que haja cada vez menos investimento nas transcrições de obras para Braille. Com essa redução, os únicos prejudicados são as pessoas com deficiência visual, já que assim como para os videntes é importante o contato com o texto através da visão, é importante para as pessoas cegas o contato com o texto através do tato. Quando os textos são ouvidos, há uma perda das palavras, da ortografia, das formas, das estruturas. Tudo se torna abstrato e o concreto se desfaz em meio a vozes sintéticas e humanas. É certo que existem programas que

possibilitam a soletração de caracteres para que se tenha acesso a sua grafia, no entanto, dificilmente um leitor fará pausas durante o decorrer do texto para verificar a sua ortografia, já que esse ato gera uma interrupção de pensamento, interferindo na compreensão do conteúdo.

De acordo com a matéria intitulada "Muito além do Braille: como a tecnologia tornou a literatura mais acessível e interessante aos deficientes visuais" (2016), muitas das bibliotecas que fornecem materiais acessíveis para cegos possuem mais livros falados do que em Braille. Segundo a mesma matéria, a Fundação Dorina estima, no Brasil, que apenas 10% dos deficientes visuais são alfabetizados através desse sistema de escrita, um dado que causa preocupação, visto que, como já foi dito, o Braille é o único meio que permite acesso total e direto ao texto. No caso da literatura, o fato se torna ainda mais grave, já que a composição de um texto literário, para além das palavras, engloba forma e estrutura, itens que em certa medida se perdem ao serem convertidos para áudio – como a diagramação de um poema, por exemplo. Nesta perspectiva, uma reportagem produzida em 2018 pelo site Estadão (“Brasil tem mais de 500 mil cegos, mas oferta de livros em braille ainda é limitada”) realizou uma entrevista com alguns deficientes visuais, os quais foram questionados sobre suas relações com o braille e a importância que eles atribuíam a esta forma de leitura e escrita. Um dos jovens entrevistados ressaltou a relevância que possui a leitura braille e como ela nos aproxima do texto. Ele afirma: "Eu gosto muito do braille. Depois que você tem a oportunidade de ler o livro em braille, você tem uma proximidade maior com a obra, assim como as pessoas que leem livros a tinta, eles os preferem aos livros digitais. É uma coisa mais intimista, tocar, cheirar". Em vista disso, pode-se perceber que a leitura por meio do braille, em muitos casos, é indispensável, pois sua ausência causa uma falta, uma privação do físico, do palpável. Portanto, é imprescindível o incentivo à produção do braille, pois como foi visto, atualmente as tecnologias estão em constante avanço e, por isso, argumentos que defendem que a impressão braille é cara ou que uma impressora ocupa demasiado espaço não podem ser mais alegações tão válidas, já que, apesar de uma impressora braille ser de fato custosa, seu uso não requer grandes gastos e seu manuseio está cada vez mais simples, bem como sua compactação.

Além disso, vale destacar a importância de investir em tecnologias como a Linha braille, instrumento similar a um tablet, que possibilita a leitura de textos em braille instantaneamente, sem a necessidade de impressão, basta plugá-la em um computador, tablet ou celular e o texto aparece em alto-relevo na tela. Aparelhos como esses são fundamentais

para o desenvolvimento dos leitores, principalmente, daqueles que não podem acessar o áudio, como os que possuem surdocegueira e precisam, indispensavelmente, do braille. Embora equipamentos como esses existam e possuam uma funcionalidade de suma importância para o acesso à leitura, dificilmente uma pessoa cega ou surdocega logra comprar esse tipo de tecnologia, uma vez que possuem valor aquisitivo extremamente alto. Nesse sentido, é necessário que haja um debate também em torno de políticas que promovam o acesso dessas pessoas com deficiência visual a esses aparelhos, pois de nada adianta existirem mecanismos que colaboram para uma formação leitora eficiente, se são poucos os leitores que conseguem desfrutar destes inventos.

CAPÍTULO 3

A PESSOA CEGA E A LEITURA LITERÁRIA

Como já foi descrito anteriormente, a formação de um leitor implica diversos aspectos, dentre eles, talvez um dos mais importantes, o acesso aos livros, às obras. Quando tratamos de literatura, direcionamo-nos a um âmbito da leitura mais complexo, em que ler vai além de apenas entender a mensagem que está sendo comunicada. A literatura exige compreensão, construção, interpretação, decifração, reflexão. É necessário declinar das certezas do real e abraçar o imaginário. É preciso abdicar da lógica sistemática e aceitar o surpreendente, o fabuloso, o improvável. Perpassando diversos aspectos subjetivos e representativos, o texto literário pode oferecer ainda uma riqueza linguística e cultural inenarrável, constituindo-se como parte fundamental no processo de formação de uma maneira geral. Em vista disso, a ausência de um contato com a leitura literária pode acarretar inúmeras consequências, como a dificuldade de interpretação, de entendimento de metáforas e analogias, o não impulsionamento à criatividade, o baixo domínio vocabular, a não estimulação ao pensamento crítico, entre muitas outras. Portanto, ser privado do acesso às obras literárias, é perder parte de uma humanização que elas nos possibilitam, já que "a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante" (CANDIDO, 1989, p. 7). Em outras palavras, a literatura é fonte inesgotável de conhecimentos e conteúdos que, entre prosa e poesia, ficções e fantasias, pode transcender épocas, pensamentos, tradições e culturas, a fim de interligar histórias, desenvolvendo a empatia e humanidade entre os leitores.

O acesso à literatura deve ser entendido, por conseguinte, como um direito humano, como já defendeu Antonio Candido (1989), porque ela, além das imensuráveis contribuições para a formação do ser humano enquanto pessoa e cidadão, ainda enceta transformações, sejam de cunho pessoal ou global, uma vez que a arte das palavras tem o poder de atingir as emoções, que por sua vez, tem o poder de impulsionar as utopias. Dessa forma, assim como defende Aldo de Lima (2012):

Embora não subvertam a ordem geral das coisas, estas utopias são capazes, ainda que parcialmente, de promover novas e diferentes leituras e interpretações acerca do mundo histórico e das suas contradições; de expandir, de rever, de reconduzir através da dialética leitor/texto/leitura nossos horizontes de expectativas, nossas visões de mundo. Daí a necessidade de ler, compreender, interpretar a Literatura como um direito universal e inalienável do ser humano. (LIMA, 2012, p. 13-14)

Candido (1989) observa que o autor de textos literários, ao projetar uma estrutura, nos propõe uma organização, na qual cada palavra se encaixa, construindo o conteúdo como um todo. Essa organização, percebida pelo leitor, conscientemente ou não, estimula a organização de nossos próprios pensamentos e sentimentos, nos permitindo, conseqüentemente, organizar a visão e interpretação que possuímos acerca do mundo. Por isso, uma obra literária, por mais distante que se encontre da realidade do leitor, consegue, muitas vezes, atingir algo em seu íntimo, seja pela organização e articulação das palavras ou pelas diversas projeções que a literatura possibilita, visto que a escrita literária possui variados planos e, em algum deles, aquele que exerce uma leitura atenta poderá se encontrar, se descobrir ou redescobrir. Clarice Lispector, por exemplo, evidencia bem isso em seu romance *A hora da estrela*, pois a autora, consciente do poder de seus escritos, sabia que sua obra deveria, ou pelo menos poderia, causar incômodo em seus leitores, já que seu tema principal era a pobreza, característica presente na maioria dos indivíduos - em uns no âmbito financeiro, em outros, no âmbito espiritual.

[...] Que sei eu. Se há veracidade nela - é claro que a história é verdadeira embora inventada - que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro - existe a quem falte o delicado essencial. (LISPECTOR, 1998, p. 24)

A partir do exposto, constata-se que a literatura, mais que um direito, configura-se como um bem indispensável na formação de um indivíduo e, portanto, deve ser acessada por todos. Para tanto, faz-se importante identificar quais são os empecilhos que provocam a falta de acesso de determinada parcela da população aos meios literários. No caso das pessoas com deficiência visual, já foi possível perceber, ao longo desta monografia, o quão prejudicial é a falta de recursos de acessibilidade, que vão desde os livros em áudio e em braille até o piso tátil que conduz o leitor à estante de obras de uma biblioteca. Nesta perspectiva, reflitamos, agora, quais seriam as especificidades básicas para um aproveitamento idôneo da leitura literária para um leitor cego.

3.1) ANÁLISE DE QUESTIONÁRIO DE PESQUISA APLICADO PARA 14 PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Antes de tecer algumas considerações a respeito da leitura literária por pessoas com deficiência visual, é importante apresentar e analisar os resultados de pesquisa desenvolvida

para esta monografia sobre a formação de leitores com deficiência visual. Nesse sentido, vale salientar que o questionário, realizado no formato Google Forms, recebeu até o presente momento 14 respostas, uma amostra bastante reduzida que não permite conclusões estatísticas. Ainda assim, vale a pena analisar os dados coletados. O questionário de pesquisa foi dividido em duas partes, a primeira diz respeito aos dados básicos, como grau de visão, idade, gênero, nível de escolaridade e renda mensal. Já a segunda parte está relacionada aos hábitos de leitura propriamente, como frequência de leitura, formato em que prefere ler, impressões sobre o braille, impressões sobre o áudio, opinião sobre a inclusão nos diversos ambientes de leitura etc.

DADOS DA PESQUISA

a) Com relação aos dados básicos dos entrevistados: a média de idade varia entre 24 e 72 anos; 11 se autodeclararam cegos; 9 frequentaram ou frequentam o Ensino Superior; 57% se identificaram com o gênero masculino e 43% se identificaram com o gênero feminino.

b) Já com respeito aos dados de leitura, foi alentador perceber que, dos 14 participantes, 12 afirmaram que gostam de ler. A média de leitura anual varia de 1 a 3 livros, 4 a 8 livros e 9 a 15 livros, segundo as opções mais marcadas. Os gêneros de leitura mais frequentes variam entre romances, biografias, religião e tecnologia. 64% declararam que não receberam incentivo à leitura, 34% disseram que não frequentam a biblioteca de sua escola/universidade e 57% afirmaram que não frequentam esses espaços por falta de acessibilidade.

c) Com respeito ao formato de leitura, 4 disseram que preferem a leitura braille, 6 preferem a leitura em áudio por meio de leitores de tela e 4 afirmaram que gostam de ouvir audiolivros. Ao serem questionados sobre a facilidade de encontrar livros acessíveis, seja em braille ou em áudio, a maioria respondeu que não encontra com facilidade. Com respeito à leitura braille, uns afirmaram que não sabem ler neste formato, outros que gostam e preferem a leitura braille, alguns a consideram cansativa e outros afirmaram que acabam preferindo a leitura por áudio devido à dificuldade de encontrar materiais no formato braille. Já em relação à leitura por meio do áudio, 7 afirmaram que preferem este meio de leitura devido a sua praticidade e facilidade de ser encontrado, 5 preferem o braille e 2 gostam dos dois formatos.

d) Sobre a inclusão nos ambientes literários, todos concordaram que ainda há muito que avançar com respeito a este tema. Alguns citaram que não percebem inclusão nos ambientes físicos, como bibliotecas, livrarias, feiras do livro, pois quase nunca há material em

braille, geralmente são disponibilizados audiobooks, mas nem sempre há mecanismos para a reprodução destes livros, impossibilitando o leitor de usufruir do material que, teoricamente, lhe permitiria desfrutar como todos desses ambientes. Outros comentaram que quando há algo inclusivo, como estandes acessíveis, muitas vezes são posicionados em lugares afastados dos demais, causando assim, uma sensação de segregação. Além disso, foi ressaltada também por alguns participantes a importância de políticas públicas que possibilitem o acesso a tecnologias como linhas braille e impressoras braille, pois estes são instrumentos que possuem valores extremamente inacessíveis para a maioria das pessoas com deficiência visual. Quando questionados sobre as sugestões para melhorias no que tange à inclusão nos ambientes literários, muitos trataram da relevância de cursos e oficinas de especialização que atuassem no preparo de bibliotecários, professores e todos os que estão envolvidos no processo de formação do leitor cego. O intuito é que estes profissionais possam aprender o sistema braille e o manuseio das diversas tecnologias assistivas, pois assim poderiam receber estes leitores com respeito e qualidade, contribuindo, dessa forma, para sua formação leitora.

ANÁLISE DAS RESPOSTAS

A partir das respostas dos participantes, constata-se que de fato há um distanciamento enorme entre as políticas de inclusão e sua real efetivação nos ambientes literários. As questões que circundam o acesso à literatura parecem não receber a devida atenção, reverberando em uma falta imensurável, resultado das inúmeras lacunas que formalizam a precariedade de uma sociedade desigual. Nesse sentido, observa-se que existem diversas demandas que não estão sendo atendidas, como a promoção de ambientes inclusivos, profissionais capacitados, tecnologias financeiramente acessíveis, livros adaptados etc. Além disso, a problemática da escassez do braille também é uma questão ignorada, pois foi possível perceber que muitos optam pelo áudio não por escolha, mas sim por ser esta a única opção disponível, obrigando o leitor a ler sempre no mesmo formato. Consonante a isso, como foi ressaltado pelos próprios participantes, ler através do áudio nem sempre é a melhor forma, pois a leitura digital apresenta muitas dificuldades, já que existem livros disponíveis na internet que são escaneados em formato de imagem, algo que impede a leitura por meio de leitores de tela. Dessa forma, é necessário pensar e repensar as políticas de acesso à literatura, que são poucas e precisam ser ampliadas. Não basta pôr um livro em braille em uma estante e chamar de inclusão. É importante conhecer, entender e saber que o ato de incluir é uma via de

mão dupla, na qual quem inclui trabalha em conjunto com o incluído, construindo assim, resultados concretos e reais.

Os dados recolhidos demonstram que este trabalho se constrói em um estado de urgência, visto que a literatura, enquanto direito universal, deve estar presente no cotidiano dos indivíduos, possibilitando os questionamentos, as interpretações, as criações, as compreensões, as indignações, as deleitações. Privar alguém da leitura, é fechar as portas para um vasto universo de possibilidades, como o desenvolvimento da escrita. Nesta perspectiva, a palavra, instrumento de poder, não alcança sua magnitude sem a beleza dos textos lidos, uma vez que estes ampliam o conhecimento linguístico, transmitindo ao leitor, de forma direta ou indireta, conhecimento vocabular, sintático, estrutural, semântico e formal. Assim, não é um equívoco dizer que o não acesso à leitura pode acarretar possíveis defasagens de escrita, pois escrever pressupõe, em muitos casos, a leitura como ponto de partida. Portanto, tornar a literatura acessível a todos, pode significar uma melhora na escrita das pessoas com deficiência visual e, até mesmo, o nascimento de novos escritores que sequer tinham conhecimento do próprio talento.

3.2) FORMA/ESTRUTURA/GRAFIA: A TRÍADE INDISPENSÁVEL NA LEITURA LITERÁRIA

A literatura, como expressão artística verbal, pressupõe uma série de elementos para construir-se enquanto obra apreciativa. O fazer literário implica imaginação, criação, lapidação, exigindo, portanto, um cuidado estético e contemplativo por aquele que a desfruta. Para tanto, é necessário atentar-se aos detalhes que o autor imprime no texto, percebendo a linguagem, sonoridade, a sintaxe, o léxico, a estrutura, a pontuação, a ornamentação, a estilística, o todo que compõe o tecido textual. Em um texto literário, cada vírgula atua como integrante de um movimento harmonioso, em que palavras e signos se completam ecoando o mesmo som, orquestrando assim, arte plena e melódica. Nesse sentido, a expressão artística literária pode, inclusive, romper com os padrões linguísticos impostos, moldando as palavras e formas à sua maneira, transcendendo estados herméticos da escrita, atingindo o sublime da literatura. É como defende Barthes (1987):

Por fim, o texto pode, se tiver gana, investir contra as estruturas canônicas da própria língua (Sollers): o léxico (neologismos exuberantes, palavras-gavetas, transliterações), a sintaxe (acaba a célula lógica, acaba a frase). Trata-se, por transmutação (e não mais somente por transformação), de fazer

surgir um novo estado filosófico da matéria lingüística; esse estado inaudito, esse metal incandescente, fora de origem e fora de comunicação, é então coisa de linguagem e não uma linguagem, fosse esta desligada, imitada, ironizada. (BARTHES, 1987, p.42-43)

Nesta perspectiva, entende-se que a compreensão íntegra de um texto literário perpassa o conteúdo, levando em conta a forma e estrutura como elementos fundamentais para estabelecer a concretização das ideias do autor. Entretanto, o que acontece quando não temos acesso à forma/estrutura de um texto literário? Quais são os prejuízos que essa perda acarreta no momento de compreensão e interpretação textual? Esses são questionamentos muito pertinentes quando pensamos na formação de leitores com deficiência visual, especialmente aqueles que realizam a leitura apenas por meio de audiolivros, dado que esta é a forma de leitura que menos possibilita contato direto com o texto. Para exemplificar, pensemos em quem dispõe da visão para ler: essa pessoa não precisa conhecer o texto ou o autor para ter noção de que está diante de um poema ou de um texto em prosa, pois apenas pela diagramação, já se é possível pressupor. No entanto, esse mesmo leitor, ao deparar-se com um audiolivro, sem antes ser conscientizado de que se trata de um livro de poemas por exemplo, levará alguns instantes a mais para, a partir dos estímulos sonoros, inferir que se trata de obra poética. E essa diferença no tempo de compreensão do gênero do texto nada tem a ver com disfunções ou dificuldades cognitivas, mas sim com o fato de que houve uma perda do concreto, o que antes tinha forma, formato, agora passa a ser abstrato. É justamente isso que acontece com os leitores com deficiência visual que optam pelo áudio, eles perdem os parágrafos, as linhas, a estrutura. Algo que gera, sem dúvida, uma falta exorbitante no que diz respeito a textos nos quais a forma é parte elementar.

Nesse sentido, a presença do braille faz-se imprescindível em relação à leitura poética, uma vez que este gênero textual exige uma atenção para sua composição formal e melódica. Quando se lê por audiolivros, é praticamente impossível perceber quando se inicia e finaliza uma estrofe por exemplo. É complexo, inclusive, depreender se o poema está ou não dividido em estrofes, se possui forma fixa, como os sonetos, ou se possui versos livres. Evidentemente que quando se lê por meio de leitores de tela, é sim possível identificar estes traços, já que essas ferramentas possibilitam a soletração de caracteres. Não obstante, essa não é nem de longe a melhor forma de leitura, uma vez que as pausas para soletração interrompem o fluxo de ideias gerado pelo poema. Além disso, também vale ressaltar que, quando lemos textos literários através de audiolivros gravados por vozes humanas, ficamos reféns da interpretação do leitor, já que essa voz passa a fazer parte do livro, influenciando em sua assimilação ou

mesmo em sua aceitação. Por exemplo, se o leitor possuir um ritmo de leitura muito lento e pausado, uma pessoa que possui um ritmo mais acelerado terá dificuldade de se sincronizar com essa leitura, perdendo assim o interesse pelo texto lido.

Outrossim, por mais que a leitura em áudio possa ser defendida e de fato tenha suas vantagens, existe um caso em que estas tecnologias ainda não conseguiram substituir o braille: trata-se da leitura de poesias concretas. O próprio nome já remete a algo concreto, físico, palpável, matéria. Nestes casos, nem a leitura por audiolivros, nem por leitores de tela, consegue chegar ao efeito que este tipo de arte expressa, dado que o poema busca explorar a língua por meio de formas gráficas, desenhadas a partir das palavras. A esse respeito, é importante destacar o trabalho realizado pelo PROLINC (Projeto Letras Inclusiva), da UFRJ, que visa adaptar materiais para pessoas com alguma necessidade específica. Em 2020, foi solicitada a adaptação de poesias concretas, pois eu, aluna com deficiência visual, estava cursando a disciplina Questões da Literatura Brasileira, na qual foram estudados poemas-objeto. Com a preocupação de que eu pudesse acompanhar as análises, a professora do curso solicitou a adaptação das poesias. Como eu também integro o PROLINC, pensamos juntos qual seria a melhor maneira de acessar o conteúdo concreto e observamos que uma audiodescrição, por exemplo, seria muito importante para que eu tivesse consciência de elementos como cores, mas não daria conta de transmitir com tanta precisão a diagramação do texto. Foi então que pensamos no braille, já que ao sentir o texto e a disposição das palavras, eu conseguiria ter total noção da produção imagética do poema. A partir desta constatação foram produzidos dois poemas concretos: “Eis os amantes”, de Augusto de Campos e “beba coca cola”, de Décio Pignatari. Seguem abaixo os poemas, suas audiodescrições e as imagens das adaptações em braille.



IMAGEM 1: “Beba Coca-Cola”, Décio Pignatari (1957), versão original.

AUDIODESCRIÇÃO: A imagem do poema é formada por um fundo vermelho, com letras brancas. O texto se organiza em sete linhas e as palavras são dispostas em três colunas, da seguinte forma:

beba coca cola
babe cola
beba coca
babe cola caco
caco
cola
cloaca

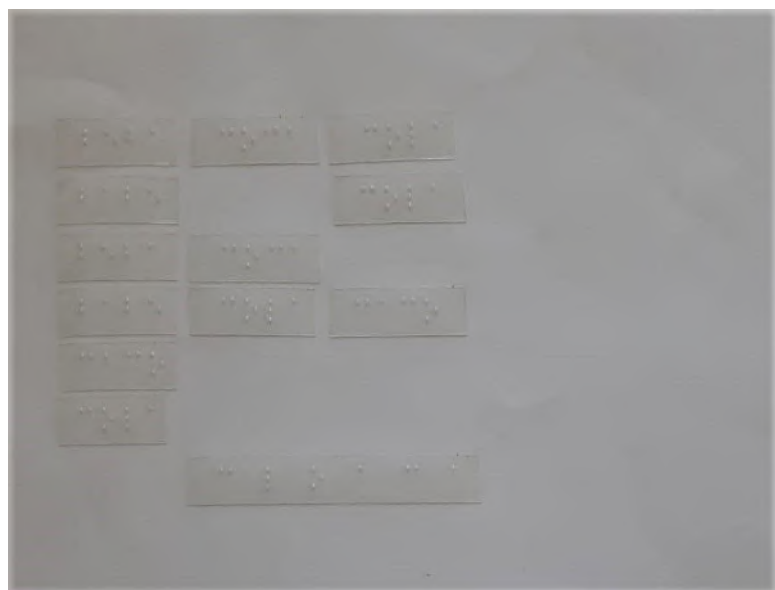


IMAGEM 2: “Beba Coca-Cola”, Décio Pignatari (1957), versão adaptada.

eis
 os
 amantes sem parentes
 senão
 os corpos
 irmãum gemeoutrem
 cimaeu baixela
 ecoraçambos
 duplamplinfantuno(s)empre
 semen(t)emventre
 estesse aquelele
 inhumanoutro

IMAGEM 3: “Eis os amantes”, Augusto de Campos (1953), versão original.

AUDIODESCRIÇÃO: O poema está escrito nas cores azul escuro e laranja e sua forma geral remete a torre Eiffel, um triângulo com a parte fina alongada. Esse triângulo é formado pelo texto “eis os sem senão os corpos” um abaixo do outro, em laranja. No lado esquerdo, em azul, “amantes”; no lado direito, em azul “parentes”. Abaixo da torre Eiffel, a esquerda da sua base, “irmãum” e embaixo “cimaeu”, irmã e cima em azul e um e eu em laranja. Abaixo da torre Eiffel, a direita da sua base, “gemeoutrem” e embaixo “baixela”, geme, em, baix em azul e outr e ela em laranja. Abaixo do espaço vazio entre esse conjunto, “ecoraçambos”, ecoraç em azul e ambos em laranja. Abaixo, um texto forma uma linha contínua de uma extremidade até a outra da imagem, as letras um pouco maiores têm um espaçamento bem maior do que em todo o resto do poema: “duplamplinfantuno(s)empre”. Em azul dupl infant parêntesis empre, em laranja ampl uno s. Abaixo, centralizado na linha “semen(t)emventre”, semen e t em laranja e parênteses e emventre em azul. Abaixo, a esquerda dessa

palavra “estresse”, est em laranja e resse em azul. Na mesma linha, mas à direita da palavra de cima, “aquelele” aquel em laranja e ele em azul. Abaixo, no espaço em branco entre as duas palavras de cima “inhumenoutro”, in e en em laranja e hum e outro em azul.



IMAGEM 4: “Eis os amantes”, Augusto de Campos (1953), versão adaptada.

A partir das imagens, pode-se perceber que a disposição do braille segue o mesmo padrão gráfico das versões originais, possibilitando que o leitor cego tenha, através do tato, a mesma percepção que um leitor vidente teria através da visão. Como é possível perceber, a diferenciação das cores presentes no poema “Eis os amantes” foi representada através do alto-relevo, de forma que a palavra que possui uma cor distinta é destacada por uma protuberância em relação às demais, ou seja, umas estão representadas de forma plana, enquanto outras estão representadas de maneira sobressalente. Vale ressaltar que essas adaptações foram realizadas durante a pandemia de Covid19, sendo produzidas, portanto, apenas com os materiais disponíveis no momento. Mesmo assim, percebe-se que, sem o braille, a leitura plena desses poemas não poderia ser realizada, já que o leitor teria dificuldade em projetar a imagem criada por essas obras artísticas.

Nesta perspectiva, tratando agora das obras ficcionais, apesar de estas em geral não exigirem uma atenção direta para sua diagramação, como foi observado no caso dos poemas concretos, estes textos literários também possuem algumas características que são perdidas ao serem transportadas para audiolivros. A primeira que se destaca é a estrutura da frase, que em

alguns casos, representa uma espécie de identidade do autor, como é o caso de José Saramago. As obras do escritor português são marcadas por uma escrita peculiar, na qual a pontuação e a sintaxe fogem ao cânone linguístico, explorando novas nuances da produção literária. Parece ser intuito do autor, um grande contador de histórias, aproximar, por meio de seu profundo domínio linguístico, a narrativa da oralidade, atribuindo às suas obras um caráter de relato, de diálogo com o leitor. Contudo, essa particularidade sintática acaba passando despercebida quando é apreciada por áudio, já que, a partir de uma leitura indireta, a percepção da pontuação se torna complexa, visto que os leitores de tela e os leitores de audiolivros nem sempre conseguem reproduzir, de maneira vocálica, certos sinais de pontuação. Isso ocorre porque determinados símbolos, como o travessão, são representações essencialmente gráficas, que possuem a finalidade de indicar o leitor que a próxima fala é de um personagem por exemplo. Dessa forma, os sinais que mais são possíveis identificar são a vírgula e o ponto final, os signos mais utilizados na escrita saramaguiana. Daí a dificuldade de notar a diferença na escrita deste autor, já que ao ouvir sua obra, não se percebe a ausência de travessão e outros signos. Vejamos agora um trecho do *Conto da ilha desconhecida*:

E tu para que queres um barco, pode-se saber, foi o que o rei de facto perguntou quando finalmente se deu por instalado, com sofrível comodidade, na cadeira da mulher da limpeza. Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem, Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um louco varrido, dos que têm a mania das navegações, a quem não seria bom contrariar logo de entrada, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas, estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas, E que ilha desconhecida é essa que queres ir à procura, Se eu to pudesse dizer, então não seria desconhecida, A quem ouviste falar dela, perguntou o rei, agora mais sério, A ninguém, Nesse caso, por que teimas em dizer que ela existe, Simplesmente por que é impossível que não exista uma ilha desconhecida, E vieste aqui para me pedires um barco, Sim, vim aqui para pedir-lhe um barco, E tu quem és, para que eu to dê, E tu quem és, para que não mo dê, Sou o rei deste reino, e os barcos do reino pertencem-me todos, Mais lhes pertencerás tu a eles do que eles a ti. (SARAMAGO, 1998, p. 16-18)

A partir do fragmento destacado, é possível verificar a estrutura do texto, sua disposição sintática e o fundamental uso das vírgulas e dos pontos finais para indicar as falas dos personagens, bem como a do narrador. Quando essa característica tão importante é perdida, esvai-se com ela também a interpretação deste aspecto linguístico, pois para além de uma distribuição estética distinta, a escrita saramaguiana abre espaço para diversas outras análises.

Consonante a isso, o segundo aspecto que se perde ao transladar o texto físico para o áudio, principalmente, para audiolivros, é a voz interna que a leitura silenciosa produz em nós. Quando lemos um livro, é comum que nossa imaginação ganhe força e comecemos a visualizar os personagens, atribuindo a eles características específicas, conforme a obra nos inspira. Nesse sentido, apesar de o autor descrever minuciosamente cada personagem, a figura deles surgirá de diferentes formas para cada indivíduo, isto é, cada um terá em sua mente a imagem de um Bentinho, de uma Macabea, de uma Rita Baiana, enfim, todos distintos, projetados de acordo com a imaginação de cada pessoa. Dentre os traços imaginados, está a voz dos personagens, que ao ser ouvida através do audiolivro, deixa de ser totalmente concebida na imaginação do leitor, já que tendemos a associar as vozes dos personagens à voz do leitor, de maneira que, as entonações, o ritmo de fala, o tom da voz e todos os aspectos prosódicos passam a ser sujeitos à forma como o leitor transmite o texto. Devido a isso, certos elementos implementados na escrita que suscitam a fantasia e interpretação de quem lê acabam não gerando os efeitos possíveis, visto que há a interferência de uma segunda voz durante o processo de leitura. Para que fique mais claro, vejamos agora um exemplo que melhor representa a questão abordada:

BRÁS CUBAS.....?
 VIRGÍLIA.....
 BRÁS CUBAS.....
 VIRGÍLIA.....!
 BRÁS CUBAS.....
 VIRGÍLIA.....
?

 BRÁS CUBAS.....
 VIRGÍLIA.....
 BRÁS CUBAS.....
!.....!
 VIRGÍLIA.....?
 BRÁS CUBAS.....!
 VIRGÍLIA.....!

(MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 63-64)

O trecho destacado acima foi retirado da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Trata-se do capítulo 55, cujo título é “O velho diálogo de Adão e Eva”, o qual revela um interlúdio amoroso entre o protagonista Brás Cubas e sua amada, Virgília. Para narrar tal cena, Machado utilizou de suas habilidades criativas e, ao invés de produzir um capítulo repleto de descrições pormenorizadas, o autor preferiu utilizar-se apenas de duas

palavras e três sinais de pontuação, deixando toda a interpretação por conta daquele que aprecia a obra. Sem dúvida, esse é um dos capítulos mais artísticos e belos da literatura, principalmente porque permite que a elaboração da cena seja toda construída pelo leitor. Machado não informa nada além do necessário, apenas o suficiente para que a imaginação de quem lê possa fruir. No entanto, a partir do momento em que ouvimos um audiolivro, todo esse processo de compreensão e interpretação se reduz, já que, ao escutar a obra, dependemos de que o leitor consiga reproduzir os recursos linguísticos utilizados pelo autor. Além disso, nesse caso, a presença de uma segunda voz durante a leitura não permite que o leitor expanda sua mente, não inferindo ideias como o tom da voz dos personagens, se estão gritando ou sussurrando por exemplo. Em relação a isso, ao buscar audiobooks do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, foi possível avaliar, a partir de várias obras gravadas, que o capítulo em questão foi lido de forma apática, não sendo possível perceber, principalmente, as várias reticências presentes, causando, conseqüentemente, um não entendimento do capítulo.

Assim, constata-se que a leitura de obras literárias exige um contato com o texto, sendo fundamental a presença do braille para sua total compreensão. Porém, é importante ressaltar que isso não significa o descarte de obras em áudio, pois um método não anula o outro, muito pelo contrário, se complementam. O áudio também possui suas vantagens, pois além de ser mais prático por poder ser acessado de diversos aparelhos a qualquer hora, ainda evita o problema do deslocamento, dado que o braille costuma ser volumoso. Dessa forma, os dois formatos de leitura são importantes, pois ambos colaboram para o desenvolvimento do leitor. Enquanto o braille contribui para uma melhor aquisição linguística, o áudio pode fornecer conhecimentos fonéticos, como a pronúncia de determinadas palavras. Se as vantagens do braille foram mais destacadas neste capítulo, tal destaque se deve ao fato de esta forma de leitura ser pouco oferecida e, por conseguinte, pouco utilizada pelos leitores, que ficam privados dos inúmeros benefícios que este método possui. Portanto, deve haver investimentos nos dois formatos, bem como incentivo ao uso do braille para que, assim, a leitura literária possa estar cada vez mais presente na vida das pessoas com deficiência visual, sendo, desse modo, mais desfrutada por esse público.

CAPÍTULO 4

UM ESTUDO DE CASO NA BIBLIOTECA JOSÉ DE ALENCAR DA FACULDADE DE LETRAS DA UFRJ

É indiscutível que a biblioteca universitária desempenha papel fundamental no que diz respeito à disseminação de informações, atuando como suporte crucial no desenvolvimento da pesquisa acadêmica em seus variados níveis. Porém, apesar de desempenharem funções tão significativas e estarem situadas em ambientes nos quais a educação reina como bem maior, muitos destes espaços ainda caminham a passos lentos para o alcance de uma biblioteca inclusiva e de fato acessível. Algo que se configura como mais uma barreira entre tantas na formação de leitores e pesquisadores com deficiência visual. Por isso, como formanda em Letras, leitora e pesquisadora cega, julgo de extrema relevância a realização de um estudo de caso na Biblioteca José de Alencar, a qual faz parte da universidade onde estou construindo minha trajetória acadêmica.

Para dar início a esse estudo, os primeiros dados investigados foram a quantidade de estudantes com deficiência visual matriculados na Faculdade de Letras. Lamentavelmente, a diretoria alegou não dispor desta informação, fornecendo apenas dados extraoficiais, os quais indicam que estudam cerca de 5 pessoas com deficiência visual, entre estudantes cegos e com baixa-visão. No entanto, a diretoria afirmou também, que pode haver mais pessoas com condições de impedimento visual, pois existem alunos que, por vergonha ou medo do preconceito, acabam ocultando sua deficiência, utilizando o máximo que podem de seus resíduos visuais, fator que prejudica a identificação e, conseqüentemente, o auxílio a esses estudantes. Em vista das poucas informações ofertadas, foi elaborado um questionário de pesquisa, o qual foi respondido pela bibliotecária-chefe da BJA. Seguem abaixo as perguntas, juntamente com as respostas e considerações destacadas pela bibliotecária Cila Borges.

4.1) ENTREVISTA COM A BIBLIOTECÁRIA-CHEFE DA BJA (FL-UFRJ)

INFORMAÇÕES BÁSICAS DA BIBLIOTECÁRIA-CHEFE

1) Qual a sua formação acadêmica?

Graduação em Biblioteconomia; Especialização em Gestão Pública da Universidade Federal; Mestrado Profissional em Biblioteconomia.

2) *Em qual/is universidade(s) você já estudou?*

Universidade do Vale dos Sinos – Unisinos; Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio.

3) *Você possui algum tipo de formação ou especialização para atender pessoas com deficiência visual?*

Infelizmente não tenho formação nem especialização. Já participei de eventos, pequenos cursos e lives, mas insuficientes para o tema.

4) *Você sabe ler ou tem alguma noção da escrita braille?*

Não sei ler nem tenho familiaridade com braille.

5) *Durante a sua formação você recebeu algum tipo de incentivo a desenvolvimento de projetos inclusivos?*

Algumas disciplinas da graduação e de mestrado traziam a teoria para discussão.

6) *Em algum momento da sua trajetória acadêmica a inclusão de leitores cegos ou com baixa-visão nos ambientes bibliotecários foi debatida?*

Reforçando a resposta anterior, em algumas disciplinas de graduação e mestrado o tema foi proposto para discussão, conhecimento, sugestões. No mestrado houve visita ao Instituto Benjamin Constant.

INFORMAÇÕES SOBRE A BIBLIOTECA

1) *Em que ano a biblioteca foi fundada?*

1969.

2) *Os funcionários que trabalham nesta biblioteca possuem alguma formação ou especialização para atender pessoas com deficiência visual?*

O servidores da Biblioteca José de Alencar – BJA, não possuem formação ou especialização para atendimento a pessoas com deficiência. Já participamos de algumas lives e apresentamos uma proposta de melhorias da biblioteca no SENABRAILLE - Seminário Nacional de Bibliotecas Braille, em 2014.

3) *Quantas obras acessíveis em áudio, em braille e ampliado a biblioteca possui?*

24 títulos impressos em braille, 1 título ampliado, aproximadamente 50 títulos em áudio.

4) *O material acessível é produzido na própria biblioteca ou é fornecido por outra instituição? Caso seja fornecido por outra instituição, qual é esta outra instituição?*

Os materiais acessíveis são fornecidos por outras instituições, como o Instituto Benjamin Constant e a Fundação Dorina Nowill.

5) Quais as políticas de inclusão que a biblioteca adota para incentivar a leitura entre as pessoas com deficiência visual?

Aquisição, catalogação e divulgação de obras em Braille, audiolivros. Instalação de softwares que auxiliem na tradução, com o DosVox que foi instalado nos computadores de consulta da Biblioteca.

6) Os leitores com deficiência visual costumam frequentar a biblioteca? Caso sim, qual é a demanda em média de livros lidos por esses leitores?

Conheço, atualmente, apenas uma aluna com deficiência visual que frequenta nossa Biblioteca. Já tivemos anteriormente um aluno de pós-graduação e um pesquisador externo.

7) Quando os leitores buscam a biblioteca, a maior demanda é de livros ampliados, em áudio ou em Braille?

Houve uma demanda por um título específico ampliado, de Walter Benjamin e alguns audiolivros de literatura.

8) Ao produzir eventos e feiras literárias, a biblioteca costuma pensar em metodologias de acessibilidade para leitores com deficiência visual?

A Biblioteca José de Alencar procura atender a todas as demandas informacionais e necessidades de seus usuários. No período da Pandemia, a BJA conseguiu desenvolver o projeto de Extensão Torre de Babel, onde foram gravados vídeos com resenhas de livros, contação de histórias, entrevistas.

9) Em relação à promoção da inclusão de leitores com deficiência visual, qual você considera o maior obstáculo para sua devida efetivação na biblioteca José de Alencar?

A falta de conhecimento das necessidades dos leitores com deficiência visual, pois não temos muitos usuários com essa característica

10) Você tem algum comentário ou sugestão acerca do tema a formação do leitor cego? Caso sim, exponha-o aqui.

É muito oportuno trazer o tema da acessibilidade e de leitores com deficiência visual, a fim de verificar as demandas existentes e as soluções possíveis de implementar. O intuito da Biblioteca é servir de apoio à formação acadêmica e ao atendimento à comunidade, interna e externa da UFRJ. Seria muito importante para nós podermos entender melhor as necessidades dos usuários com deficiência visual, a fim de podermos planejar com mais qualidade a tarefa de atendimento.

A partir das respostas obtidas, percebe-se que o principal problema destacado é a defasagem em relação a conhecimentos sobre métodos e tecnologias que fomentem a inclusão de pessoas com deficiência visual neste espaço de formação leitora. Nota-se que há um baixo investimento em temas de acessibilidade, provocados justamente por essa capacitação insuficiente e por uma baixa demanda de materiais adaptados. Algo que gera uma reflexão: não há adaptação porque não há demanda? Ou não há demanda porque não há adaptação? É um fato que as bibliotecas, bem como todos os espaços, necessitam estar já adaptados para que todas as pessoas possam acessá-los. No momento em que partimos da premissa de que deve haver uma demanda para que então haja acessibilização, provocamos a oferta de materiais de baixíssima qualidade a esse público, visto que a produção de textos, tanto em braille como em áudio, exige tempo para que sejam elaborados de forma eficiente. Além disso, não se deve esperar uma pessoa com deficiência visual esbarrar de frente com uma estante para então pensar em um piso tátil. O processo de inclusão envolve o rompimento com todos os tipos de barreira, inclusive, as barreiras atitudinais. A biblioteca, como instituição formadora, precisa não apenas ser inclusiva, como promover a inclusão de todos os indivíduos. Para tanto, é necessário que a biblioteca esteja preparada para receber e atender a comunidade de forma justa e igualitária, pensando nas especificidades e solicitações que possam surgir.

Abordar temas como estes é muito importante, pois possibilita que pensemos e atentemos para situações que no dia a dia passam despercebidas. Ao buscar informações na Biblioteca José de Alencar sobre os livros em braille, um dos funcionários abriu, pela primeira vez, uma caixa de livros que estavam guardados há certo tempo. Abrir esta caixa foi muito mais que um simples gesto, foi um acontecimento, foi uma abertura de portas para aqueles que necessitam dos livros em formatos acessíveis. Eu, particularmente, senti-me imensamente feliz por saber que obras literárias de autores importantíssimos como Machado de Assis, Clarice Lispector e Jorge Amado estarão agora nas estantes da Biblioteca José de Alencar. Como a própria bibliotecária afirmou, falta formação e especialização. Por isso, percebe-se ser de extrema importância e urgência que a UFRJ promova cursos, especializações e pesquisas que contribuam para a capacitação destes e demais profissionais que compõem o corpo acadêmico. O aprendizado do braille, bem como o manuseio de

ferramentas tecnológicas inclusivas é imprescindível para que os funcionários possam atender proficuamente esses leitores. Existe na Faculdade de Letras uma impressora braille que é utilizada de forma muito esporádica, principalmente, porque não há técnicos habilitados para sua manipulação. Essa impressora deveria estar na biblioteca, funcionando recorrentemente na impressão de livros, artigos, monografias, dissertações, teses, fornecendo e ampliando o acesso de pessoas com deficiência visual aos conteúdos acadêmicos.

Durante a graduação, é muito comum que professores exijam a leitura de determinados títulos e que os estudantes consigam essas obras na biblioteca. Porém, quando os materiais não estão acessíveis, a pessoa com deficiência visual é excluída, sendo privada desses textos, prejudicando-se por vezes no aprendizado dos conteúdos. Nesse sentido, a Biblioteca José de Alencar já deu alguns passos para que haja a inclusão de leitores com deficiência visual, porém, ainda se faz necessário trilhar um longo percurso para torná-la um espaço de fato inclusivo. São necessárias mais obras em formatos acessíveis, eventos que promovam e incentivem a inclusão, aquisição de tecnologias assistivas, como linha braille, impressora, lupas etc.; piso tátil; braille nas estantes para a identificação das sessões; organização das mesas para que a pessoa com deficiência visual caminhe sem riscos de acidentes. Dentre muitas, essas são algumas sugestões para que possamos conquistar um ideal de inclusão que pode sim ser possível, basta que haja um trabalho em conjunto, no qual quem inclui e o incluído estão em diálogo, em busca do mesmo objetivo: construir um ambiente para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não intitulei este tópico como conclusão porque considero que esta pesquisa não está finalizada, ainda há muito o que discutir a respeito da formação do leitor cego. Sem dúvida, tocar em certos temas significa trazer à tona problemas antes apagados pela sociedade, dados como inexistentes. Porém, o que é facilmente invisibilizado por uns, é dolorosamente vivenciado por outros. A cada página escrita, fui percebendo que se materializava em minha frente não mais uma monografia de final de curso, mas um documento que comprova e relata a imensa dificuldade que um leitor com deficiência visual encontra para acessar um bem que deveria ser direito de todos, a literatura. Em princípio, vivemos e aceitamos o silêncio como se ele fosse a única resposta. E nos calamos também. No entanto, a função deste trabalho foi romper com esse silêncio e atuar como porta-voz para os inúmeros pedidos por igualdade e qualidade de acesso.

Ao longo do percurso desta pesquisa foi possível constatar que houve alguns avanços no que diz respeito à formação do leitor cego no Brasil. Com o advento do braille, dos livros em áudio e dos leitores de tela, as pessoas com deficiência visual puderam acessar de maneira mais eficiente a literatura. Contudo, apesar das evoluções técnicas, a inclusão ainda se constitui como um paradoxo, pois muitos espaços são despreparados para o recebimento destes leitores, atuando de maneira insuficiente, não ofertando a esse público um justo atendimento. Além disso, a preferência por materiais em áudio vem causando uma preocupante desvalorização do braille, contribuindo para que este formato de material acessível seja cada vez mais escasso, algo que pode gerar consequências muito graves para a próxima geração de leitores cegos, uma vez que o contato direto com o texto escrito é a chave para uma melhor aquisição de conhecimento literário.

Entretanto, é importante reiterar algo que já foi dito muitas vezes nesta monografia: investir em materiais em braille não deve implicar deixar de produzir materiais em áudio. Os audiolivros, os leitores de tela e todas as tecnologias faladas são de extrema importância, principalmente, para a inclusão daqueles que não são alfabetizados em braille ou que não possuem muita agilidade com esse método de leitura. É importante que o leitor cego tenha a possibilidade de escolha, que possa ouvir os livros, da mesma forma que possa lê-los fisicamente quando sentir vontade. Além disso, existem ocasiões em que o tipo de leitura vai determinar a preferência por um ou por outro e, às vezes, até pelos dois formatos ao mesmo tempo. Ao ler um livro em outro idioma, por exemplo, é imprescindível a presença do braille

para que haja o contato com a ortografia, mas também é interessante ouvir o livro para que se tome conhecimento da pronúncia das palavras. Por isso, oferecer os dois formatos de adaptação possibilita uma maior independência do leitor, permitindo sua efetiva participação nos meios literários.

O acesso à leitura não pode mais ser interceptado pela falta de formação dos leitores cegos. O fornecimento de obras adaptadas tanto em áudio quanto em braille não é um favor, não é um privilégio, não é uma regalia. É um direito. É necessário adequar os espaços, capacitar os funcionários, tornar acessíveis tanto os livros físicos quanto os digitais etc., etc., etc. São necessários muitos investimentos sim, mas antes de tudo, são imprescindíveis atitudes. Atitudes que busquem a mudança como fator de transformação e aprendizado individual e coletivo. A intenção deste trabalho é que as reflexões aqui expostas possam suscitar, em todos os envolvidos com a formação de leitores cegos, não apenas o desejo de incluí-los nos diversos ambientes literários, mas também de incluir-se nos debates e reflexões acerca do tema, já que a inclusão é uma via de mão dupla, um processo construído e lapidado em conjunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Obra Completa. vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo. História das bibliotecas brasileiras: uma contribuição. *BIBLOS*, v. 35, n. 1, 2021.

AZEVEDO, Ricardo. *Formação de leitores e razões para a literatura. Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, p. 38-47, 2004.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987

BATISTA, Rosana Davanzo. O que dizem adultos cegos sobre o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Piracicaba: Universidade Metodista, 2012.

BRASIL. Congresso Nacional. LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 2015. 42p.

CAMPOS, Augusto de. *Viva Vaia: poesia 1949-1979*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2001.

CANDIDO, Antonio et al. Direitos humanos e literatura. *Direitos humanos E...* Comissão Justiça e Paz de São Paulo/Ed. Brasiliense, v. 122, 1989.

CAPELLO, Cláudia. *Literatura na formação do leitor*. v. 1 / Cláudia Capello et al. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2008.

CARLOS, Tânia. Muito além do braille: como a tecnologia tornou a literatura mais acessível e interessante aos deficientes visuais. Fundação Telefônica Vivo, São Paulo, 30 de nov de 2016. Disponível em: <<https://www.fundacaotelefonicavivo.org.br/noticias/muito-alem-do-braille-tecnologias-tornam-a-literatura-mais-acessivel/>>. Acesso em: 07 jul. 2023.

CARRIJO, Ranyelle Rosa. *Memórias literárias: a relevância da formação literária do professor para a mediação da literatura na educação básica*. 2022. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

CENTRO cultural. Biblioteca Louis Braille. São Paulo. <https://www.centrocultural.sp.gov.br/livreacesso/biblioteca_braille.html>. Acesso em: 07 jul. 2023.

- CERQUEIRA, Fabiana de Jesus. *A inclusão da pessoa com deficiência visual sob a perspectiva da Ciência da Informação: um estudo nas bibliotecas da UFRB*. Salvador, 2019. 185f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- CERQUEIRA, Márcia Bonesi; VIÉGAS, Rosemari Fagá; SOUZA SILVA, D. de O. A temática da inclusão na produção acadêmica. *Pesquisa em Debate*, edição especial, p. 2-24, 2009.
- COSTA, Francisco das Chagas Souza. A literatura e a formação do leitor: algumas considerações. *Revista Letras Raras*, v. 7, n. 2, p. 254-271, 2018.
- FERREIRA, Ana Fátima Berquó Carneiro. Biblioteca Louis Braille do Instituto Benjamin Constant: assegurando ao deficiente visual acesso ao conhecimento. p. 282-290. *Revista ACB*, v. 13, n. 1, p. 282-290, 2008.
- FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo, Autores Associados/Cortez, p. 09-14, 1989.
- FREIRE, Sofia. Um olhar sobre a inclusão. In: *Revista da Educação*, v.XVI, n.1, p.5-20, 2008.
- FREITAS, Hyndara. Brasil tem mais de 500 mil cegos, mas oferta de livros em braille ainda é limitada. Estadão, São Paulo, 8 de abril de 2018. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/dia-nacional-braille-oferta-livros-limitada/>>. Acesso em: 07 jul. 2023.
- FREITAS, Marília Augusta de; SILVA, Vanessa Barbosa da. Bibliotecas públicas brasileiras: panorama e perspectivas. 2014.
- GALVÃO, Michelle Silva. Acessibilidade e inclusão em bibliotecas. *Revista Eletrônica da ABDF*, v. 6, n. 1, p. 96-115, 2022.
- GEHM, Raquel Elisa. *Alfabetização de alunos cegos: um estudo sobre pesquisas relacionadas ao processo de desbrailização*. 2017. 15 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Programa de Graduação em Pedagogia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.
- KRASS, Ulrike et al. *Manifesto da Biblioteca Pública*. IFLA-UNESCO 2022.
- LIMA, Aldo. *O direito à literatura*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

MALHEIROS, Tania Milca; DA CUNHA, Murilo Bastos. As bibliotecas como facilitadoras no acesso à informação por usuários com deficiência visual. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 16, n. 1, p. 146-170, 2018.

NUNES, Ada Verônica de Novaes. Biblioteca inclusiva: identificando estratégias e especificando recomendações para o suporte aos estudantes com deficiência visual no Ensino Profissional e Tecnológico. 2021.

OKUZONO, Simone Borges Paiva; DA SILVA MELO, Kelly Castelo Branco; DE CONEGLIAN, André Luis Onório; CASARIN, Helen Castro Silva. Biblioteca inclusiva: perspectivas internacionais para o atendimento a usuários com surdez. 2006.

PEREIRA, Jaquelline Andrade; SARAIVA, Joseana Maria. Trajetória histórico social da população deficiente:: da exclusão a inclusão social. *SER Social*, v. 19, n. 40, p. 168-185, 2017.

PIGNATARI, Décio. *Poesia Pois É Poesia 1950-2000*. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

PINHEIRO, Alejandro de Campos; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. Desafios da acessibilidade e da tecnologia assistiva na biblioteca universitária. *Informação em Pauta*, Fortaleza, v. 6, n. especial, p. 32-52, maio 2021.

RUI, Manuel. Eu e o outro – O invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto. In: MEDINA, Cremilda de Araújo. *Sonha Mamana África*. São Paulo: Epopéia, 1987, p.308-310.

SANTA ANNA, Jorge. Trajetória histórica das bibliotecas e o desenvolvimento dos serviços bibliotecários: da guarda informacional ao acesso. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 13, n. 1, p. 138-155, 2015.

SANTOS, Josiel Machado. Bibliotecas no Brasil: um olhar histórico. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 6, n. 1, p. 50-61, 2010.

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SASSAKI, Romeu Kazumi et al. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: Wva, 1997.

SILVA, Arlete Ferreira da. *Bibliotecas inclusivas: o que posso fazer para a inclusão das pessoas com deficiência visual?*. ABECIN Editora, 2020.

SOUSA, Dijan Leal; PINHO, Maria José de. A função social da biblioteca: contribuições para a formação de leitores. *EntreLetras*, v. 10, n. 2, p. 141-153, 2019.

UNESCO, I. F. L. A. *Manifesto da IFLA*. 1994.

ANEXO

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO DE LEITORES COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Abaixo está o texto do questionário enviado aos participantes.

Pesquisa sobre a formação de leitores(as) com deficiência visual

Olá, você pode me ajudar respondendo este questionário? Ele serve para coletar dados sobre o acesso à leitura na comunidade de pessoas com deficiência visual. As informações serão aproveitadas em uma monografia de conclusão de curso de graduação em Letras. É importante ressaltar que todos os dados coletados serão utilizados apenas para a pesquisa em questão, de modo que todas as informações pessoais fornecidas serão mantidas em sigilo e nenhum nome será revelado.

A pesquisa tem como intuito investigar o acesso das pessoas com deficiência visual à leitura de obras literárias, algo que engloba, diretamente, o acesso desses leitores às bibliotecas. Trata-se de um estudo sobre os avanços e defasagens que impactam a formação do leitor com deficiência visual, buscando, dessa forma, identificar os principais problemas que circundam os ambientes de formação literária e, assim, a partir dos resultados da pesquisa, poder propor soluções que viabilize a inclusão nos espaços de leitura.

Você aceita participar da pesquisa?

- Sim.

- Não.

Informações básicas

1) Quantos anos você tem?

2) Com que gênero você se identifica?

- Feminino

- Masculino

- Prefiro não responder

- Outro

3) Qual seu nível de escolaridade?

- Ensino fundamental completo
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino Médio completo
- Ensino Médio incompleto
- Ensino Superior completo
- Ensino Superior incompleto
- Mestrado
- Doutorado
- Outro

4) Qual a faixa de renda mensal da sua família?

- Até 1 salário mínimo;
- 2 a 4 salários mínimos;
- 5 a 10 salários mínimos;
- Mais de 10 salários mínimos;

5) Qual seu grau de deficiência visual?

- Baixa visão
- Cegueira

Informações sobre hábitos de leitura

1) Você gosta de ler? Caso não, diga o porquê.

- Sim
- Não

2) Quantos livros você lê em média por ano?

- Nenhum
- De 1 a 3
- De 4 a 8
- De 9 a 15
- Mais de 15
- Outra resposta:

3) Sua família ou sua escola incentivou ou incentiva à leitura?

- Sim

- Não

4) Quais tipos de livros você gosta de ler?

5) Como você gosta de ler?

- Em Braille

- Pelo computador ou celular através de leitores de tela

- Ouvindo audiolivros

- Alguém lendo para mim

- Outra resposta:

6) Você costuma frequentar a biblioteca da sua escola/universidade ou de seu bairro?

- Sim

- Não

- A biblioteca de meu bairro e/ou de minha escola/universidade não possui livros acessíveis.

7) Você costuma encontrar com facilidade livros acessíveis, ou seja, livros em Braille ou em áudio?

- Sim

- Não

- Apenas em lugares específicos

8) Em relação à leitura Braille:

- Não leio em Braille por escolha.

- Não leio em Braille porque não tive oportunidade de aprender.

- Acho cansativa, por isso prefiro audiobooks.

- Gosto, porém acabo optando pela leitura em áudio devido à ausência de materiais no formato Braille.

- Gosto, prefiro ler nesse formato.

- Outra resposta:

9) O que você pensa em relação às leituras em áudio por meio de leitores de tela e audiolivros?

- Penso que a leitura em áudio é melhor, pois é mais prática e mais fácil de ser encontrada.

- Gosto das leituras em áudio e também em Braille.

- Gosto das leituras em áudio, mas prefiro em Braille.

- Não gosto de ler por áudio, pois esta forma de leitura não me permite ter acesso direto ao texto) estrutura/ortografia).

- Não gosto de ler por áudio por outros motivos.

- Outra resposta:

10) Qual a sua opinião em relação à inclusão das pessoas com deficiência visual nos diversos ambientes de leitura, como as escolas, bibliotecas, livrarias, feiras literárias etc.

11) O que você acha que poderia ser feito para que as pessoas cegas ou com baixa visão pudessem ter mais acesso aos livros?

Muito obrigada pela sua participação!